



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**BEATRIZ DA SILVA ALVES**

**QUILOMBO CANTINHO DE SÃO JOÃO BATISTA:  
HISTÓRIA, TERRITÓRIO E PARENTESCO**

**SUMÉ - PB  
2023**

**BEATRIZ DA SILVA ALVES**

**QUILOMBO CANTINHO DE SÃO JOÃO BATISTA:  
HISTÓRIA, TERRITÓRIO E PARENTESCO**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.**

**Orientador: Professor Dr. Wallace Gomes Ferreira de Souza.**

**SUMÉ - PB  
2023**



A474q Alves, Beatriz da Silva.  
Quilombo Cantinho de São João Batista: história,  
território e parentesco. / Beatriz da Silva Alves.  
- 2023.

70 f.

Orientador: Professor Dr. Wallace Gomes Ferreira  
de Souza.

Monografia - Universidade Federal de Campina  
Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do  
Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Quilombo Cantinho de São João Batista - Serra  
Branca - PB. 2. Remanescente de quilombo. 3. Memória.  
4. Ancestralidade. 5. Territorialidade. 6.  
Parentesco - Cariri Paraibano. 7. História oral. 8.  
Serra Branca - PB - remanescente de quilombo. I.  
Souza, Wallace Gomes Ferreira de. II Título.

CDU: 316.334.55(043.1)

**Elaboração da Ficha Catalográfica:**

Johnny Rodrigues Barbosa  
Bibliotecário-Documentalista  
CRB-15/626

**BEATRIZ DA SILVA ALVES**

**QUILOMBO CANTINHO DE SÃO JOÃO BATISTA:  
HISTÓRIA, TERRITÓRIO E PARENTESCO**

**Monografia apresentada ao Curso de  
Licenciatura em Ciências Sociais do  
Centro de Desenvolvimento Sustentável  
do Semiárido da Universidade Federal de  
Campina Grande, como requisito parcial  
para obtenção do título de Licenciada em  
Ciências Sociais**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Professor Dr. Wallace Gomes Ferreira de Souza.  
Orientador – UACIS/CDSA/UFCG**

---

**Professora Ma. Rosana de Medeiros Silva.  
Examinadora Externa – PPGCS/UFCG**

---

**Professor Dr. Luan gomes dos Santos Oliveira.  
Examinador Interno – UACIS/CDSA/UFCG**

**Trabalho aprovado em: 30 de maio de 2023.**

**SUMÉ - PB**

*Dedico este trabalho a todos os meus ancestrais, mas principalmente a minha Vó Olívia que antes de falecer em nossa última conversa me perguntou se eu já era professora, agora sim vozinha, posso dizer que sou e sei que a senhora está vendo essa conquista.*



## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, que ao passar dos anos o meu entendimento da fé mudou e se ampliou, o que me permitiu crer e confiar, que toda a experiência me levaria ao ponto que eu preciso estar.

Gostaria de agradecer aos meus amados pais, Adiranilde da Silva Alves e João Batista Anastácio Alves, sem vocês nada seria possível, muito obrigada pelo amparo que me permitiu seguir minha vida acadêmica, e ao meu irmão João Vitor da Silva Alves que me apoia nas minhas invenções e sei que posso contar com você sempre.

Aos meus avós Olivia e Antônio, Maria e Francisco, que hoje não estão mais no plano terreno, mas suas memórias estarão comigo para sempre. Eternas saudades.

As minhas tias e tios, Ana Paula, Inacia, Jadeleide, Josefa Olivia, Maria Aparecida, Maria José, Adeildo, José Antonio e Adeilson, espero que se orgulhem de mim, como me orgulho de vocês. E as minhas tias Ilza e Verônica, que não pude conhecer, mas as tenho comigo e a todos os meus primos, que são muitos (Risos), amo todos vocês.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Wallace G. Ferreira de Souza, por sua orientação e ensinamentos junto ao grupo Nepec, que foi sempre uma inspiração e autoconhecimento, me motivando a abordar temáticas tão importantes para mim e para futuros estudantes. Aos meus professores que me trouxeram muitos conhecimentos durante minha formação, cada um de vocês teve um papel importante na minha vida.

As minhas amigas Izabele Canario que me apoiou e me ajudou a me encontrar na temática para esse trabalho, por nossas conversas, você sempre me mostrou que sou capaz e obrigada por me mostrar a lindeza de Salvador, a Andreza Cordeiro por me apoiar, motivar e ter tanta confiança em mim, por nossas conversas teóricas nas nossas caminhadas, pelos concelhos e por estar comigo nos momentos que mais preciso e a Andreza Santos que me acompanha desde o ensino fundamental até nesse percurso da universidade, você me incentivou ao mundo literário que é uma das minhas paixões e a cursar Ciências Sociais, que é uma das minhas realizações.

Aos meus colegas de turma Adilio, Ana Suelen, Aucilene, Carol, Daniel, Géssica, Iovânio, Nathan, Paulo, Rykarya, Thayanny e Zenalda, por tornarem esse percurso acadêmico mais leve, alegre, rico em conhecimentos diversos e cheio de boas memórias, foi incrível conhecer vocês, os levarem sempre comigo e aos que não concluíram essa caminhada, espero que estejam bem.

Gostaria de agradecer aos integrantes do Quilombo Cantinho, por se disporem a participar das entrevistas e conversas, obrigado por me permitirem contar e conhecer a trajetória de vocês.

E aqueles que passaram pela minha vida durante esse percurso, vocês foram muito importantes para a pessoa que sou hoje, fizeram parte da minha vida para me mostrar lições importantes, por isso agradeço.

## RESUMO

Esse trabalho foi realizado na comunidade Quilombola do Cantinho de São João Batista, localizado no município de Serra Branca no Cariri Paraibano. Tendo como objetivo analisar o pertencimento dos integrantes à comunidade quilombola, para tal análise foi necessário um levantamento da origem do próprio município de Serra Branca, partindo da família que colonizou essa região, os Oliveira Lêdo, a origem do povo negro nessa localidade e a formação e dados atuais sobre o Quilombo que foi o campo de pesquisa. Utilizei como instrumento metodológico a história oral por meio de entrevistas semiestruturadas para abordar as temáticas da história do quilombo, sobre o território e o parentesco entre os moradores da comunidade. Sendo abordado os grupos étnicos a partir das teorias de Barth e a concepção de Haesbaert sobre território e territorialidade, respaldando a importância territorial para os integrantes da comunidade e trabalhando o parentesco através de Armindo dos Santos, mapeando genealogicamente seis gerações dos moradores. Concluindo que o ser pertencente ao quilombo vai desde o cuidado com a terra, até o cuidado com os próprios moradores e o conhecer suas trajetórias e necessidades.

**Palavras-chaves:** remanescente de quilombo, memória, ancestralidade, trajetória de vida, territorialidade.

Alves, Beatriz da Silva. **Quilombo corner of são João batista: history, territory and kindness.** 2023. 69f. (Trabalho de Conclusão de Curso - Monografia), Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Universidade Federal de Campina Grande - Campus Sumé - Paraíba, 2023.

## **ABSTRACT**

This work was carried out in the Quilombola community of Cantinho de São João Batista, located in the municipality of Serra Branca in Cariri Paraibano. With the objective of analyzing the belonging of the members to the quilombola community, for this analysis it was necessary to survey the origin of the municipality of Serra Branca itself, starting from the family that colonized this region, the Oliveira Lêdo, the origin of the black people in that locality and the formation and current data on the Quilombo that was the research field. I used oral history as a methodological instrument through semi-structured interviews to address the themes of the history of the quilombo, about the territory and the kinship between the residents of the community. Ethnic groups being approached from Barth's theories and Haesbaert's conception of territory and territoriality, supporting the territorial importance for community members and working on kinship through Armindo dos Santos, genealogically mapping six generations of residents. Concluding that the being belonging to the quilombo ranges from caring for the land, to caring for the residents themselves and knowing their trajectories and needs.

**Keywords:** quilombo remnant, memory, ancestry, life trajectory, territoriality

## LISTA DE DIAGRAMAS

<b>Diagrama 1</b> - Genealogia da Família Oliveira Lêdo.....	<b>25</b>
<b>Diagrama 2</b> - Árvore genealógica da família Anastácio.....	<b>51</b>
<b>Diagrama 3</b> - Filhos de Anastácia e Cândida.....	<b>52</b>
<b>Diagrama 4</b> - Linhagem familiar de Ursulino Anastácio de Brito.....	<b>53</b>
<b>Diagrama 5</b> - Linhagem familiar de Severino da Costa Brito.....	<b>55</b>
<b>Diagrama 6</b> - Linhagem familiar de João Anastácio de Brito e Maria Cândida da Conceição.....	<b>57</b>

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

<b>Fotografia 1 -</b>	Serra do Jatobá.....	<b>27</b>
<b>Fotografia 2 -</b>	Casa grande e curral da Fazenda Serra Branca sec. XIX.....	<b>28</b>
<b>Fotografia 3 -</b>	Placa de localização da Comunidade Quilombola Cantinho – Serra Branca/PB.....	<b>35</b>
<b>Fotografia 4 -</b>	Vista da chegada a comunidade Cantinho.....	<b>36</b>
<b>Fotografia 5 -</b>	Plantação de milho, feijão e criação de caprinos.....	<b>37</b>
<b>Fotografia 6 -</b>	Artesanato: Louça de barro e Crochê.....	<b>38</b>
<b>Fotografia 7 -</b>	Unidade Básica de Saúde ESF II – Cantinho.....	<b>39</b>
<b>Fotografia 8 -</b>	Associação da comunidade.....	<b>40</b>
<b>Fotografia 9 -</b>	Igreja Católica de São João Batista.....	<b>41</b>
<b>Fotografia 10 -</b>	Tijolos das casas que foram derrubadas.....	<b>47</b>

## LISTA DE MAPAS

- Mapa 1 -** Região Nordeste, mostrando a Paraíba e o município de Serra Branca-PB. **23**
- Mapa 2 -** Divisão administrativa da Província da Paraíba no início do Século XIX destacando em negrito a região que fazia parte da Vila Real de São João do Cariri. Fonte: Atlas Geografia da Paraíba (1965)..... **30**

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**ADCT** - Ato de Disposições Constitucionais Transitórias.

**CDSA** – Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido

**CONAQ** - Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas.

**DER** - Departamento de estradas e rodagens do Estado da Paraíba.

**FCP** - Fundação Cultural Palmares.

**IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

**NEPEC** - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Etnicidade e Cultura.

**PBQ** - Programa Brasil Quilombola.

**TCC** – Trabalho de Conclusão de Curso

**UACIS** – Unidade Acadêmica de Ciências Sociais

**UFCG** - Universidade Federal de Campina Grande

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>QUILOMBO.....</b>	<b>14</b>
1.1	MAS O QUE SÃO OS QUILOMBOS?.....	14
<b>2</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>18</b>
2.1	PERCURSO DA AUTORA.....	18
2.2	ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO.....	19
<b>2.2.1</b>	<b>Problema de pesquisa.....</b>	<b>19</b>
<b>2.2.2</b>	<b>Objetivos.....</b>	<b>19</b>
2.2.2.1	Objetivo Geral.....	19
2.2.2.2	Objetivos específicos.....	19
<b>2.2.3</b>	<b>Metodologia.....</b>	<b>20</b>
<b>2.2.4</b>	<b>Estrutura do texto.....</b>	<b>21</b>
<b>3</b>	<b>LAÇOS FAMILIARES E A OCUPAÇÃO DE SERRA BRANCA.....</b>	<b>23</b>
3.1	DA FAMÍLIA OLIVEIRA LEDO AOS ALVES PEQUENOS.....	23
3.2	A PRESENÇA DA POPULAÇÃO NEGRA NA REGIÃO DO CARIRI.....	31
3.3	O QUILOMBO E SUA HISTÓRIA EM SERRA BRANCA.....	32
<b>4</b>	<b>QUILOMBO CANTINHO DE SÃO JOÃO BATISTA.....</b>	<b>34</b>
4.1	NOME É REPRESENTATIVIDADE.....	34
4.2	LOCALIZAÇÃO E ACESSO.....	35
4.3	POPULAÇÃO, MORADIA E RENDA.....	36
4.4	SAÚDE, ESCOLA, ASSOCIAÇÃO E IGREJA.....	38
<b>5</b>	<b>GRUPOS ÉTNICOS E TERRITÓRIO.....</b>	<b>42</b>
5.1	GRUPOS ÉTNICOS.....	42
5.2	TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE.....	44
5.3	TERRA: SIGNIFICADO E MEMÓRIA.....	45
<b>6</b>	<b>PARENTESCO.....</b>	<b>48</b>
6.1	ESTUDO DO PARENTESCO: FAMÍLIA E PARENTESCO.....	48
6.2	PARENTESCO DOS MORADORES DO QUILOMBO CANTINHO.....	50
<b>7</b>	<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>59</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>60</b>
	<b>APÊNDICE.....</b>	<b>63</b>
	<b>ANEXO.....</b>	<b>65</b>

# 1 QUILOMBO

Trago a ancestralidade ecoando em meu avesso, um canto de identidade, um som de atabaque, um cerimonial com liberdade, a luz da divindade emociona minha humanidade.  
Eli Odara Theodoro<sup>1</sup>

Quando falamos sobre as comunidades quilombolas é praticamente inevitável não abordar suas questões históricas, assim como várias outras temáticas sociais, como por exemplo sua origem, como surgiu no Brasil, qual o seu propósito/funcionalidade e como influenciou para a construção de suas características na atualidade. Dessa forma, vemos “a importância e a necessidade do diálogo entre a antropologia e a história para entendermos a dimensão dos quilombos na contemporaneidade” (ARAÚJO, 2018, pág. 33).

Dessa maneira busco trazer uma visão geral sobre o que são os quilombos, abordando suas questões históricas, origem do nome e algumas leis que amparam os direitos dos integrantes de comunidades quilombolas, como a que será campo de pesquisa para esse trabalho, a comunidade do Cantinho de São João Batista no município de Serra Branca na Paraíba. Retratando a história da origem do município, de Serra Branca, onde se encontra a comunidade, respaldando a própria formação do quilombo, as características da comunidade hoje e a história de seus espaços coletivos. Em seguida retratarei os aspectos territoriais da comunidade e a construção da genealogia dos moradores do Cantinho.

## 1.1 MAS O QUE SÃO OS QUILOMBOS?

De acordo com o site da Fundação Palmares<sup>2</sup>, até cem anos após a Lei Áurea<sup>3</sup>, os quilombos eram locais com grandes concentrações de negros que se rebelaram contra o regime colonial. Com a Constituição de 1988, esse conceito foi ampliado para toda área ocupada por comunidades de remanescentes dos antigos quilombos. Ao pesquisar o significado de quilombo

<sup>1</sup>Pensador. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTc2MjU4Ng/>.

<sup>2</sup>A Fundação Cultural Palmares é a representação no Estado brasileiro, que, por força da Lei nº 7668, tem como missão a promoção e preservação da cultura negra e afro-brasileira. (Fundação Palmares, 2022). Disponível em: [https://www.palmares.gov.br/?page\\_id=95](https://www.palmares.gov.br/?page_id=95).

<sup>3</sup>A lei n. 3.353, de 13 de maio de 1888, talvez seja o mais breve e famoso ato legal da história do Brasil. Mais conhecida como Lei Áurea, possui apenas dois artigos: “Art. 1º É declarada extinta, desde a data desta Lei, a escravidão no Brasil. Art. 2º Revogam-se as disposições em contrário.” Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/276-lei-aurea>.

no dicionário, o que encontramos não é diferente, sendo definido da seguinte forma: “um lugar encoberto ou escondido no mato, para onde iam pessoas escravizadas que fugiam, dos lugares onde eram exploradas” (QUILOMBO, 2022).

Geralmente quando pensamos em quilombo relacionamos a um local onde se escondiam os negros que fugiam do regime escravocrata. No entanto, para entender o que são os quilombos é importante conhecer sua origem, como a exemplo o significado da palavra quilombo que vem dos termos kilombo (Quimbundo) e Ochilombo (Umbundo) que é utilizada pelos povos Bantus, em especial os habitantes de Angola, na África Ocidental. Que significa um lugar de pouso para os povos nômades, mas depois começou a ganhar outros sentidos como paragem, acampamento, povoação e comunidade autônoma de escravos.

A exemplo de quilombo, no Brasil, temos um dos mais conhecidos, o quilombo de Palmares, que segundo Gomes (2019) foi o maior, o mais importante é o mais duradouro reduto de escravos fugitivos no Brasil na época colonial. Palmares surgiu no final do séc. XVI, na região da Serra da Barriga, no atual estado de Alagoas. Chegou a ter cerca de 20 mil habitantes, que eram negros escravizados que fugiam dos engenhos da região de Pernambuco. O quilombo foi e é um símbolo de luta e resistência para o povo negro, sendo o maior da América Latina. Foi alvo de expedições organizadas por Portugueses e Holandeses, sendo invadida em 1694<sup>4</sup>. Palmares era uma grande comunidade com sua estrutura voltada para a agricultura e o comércio que garantia a sobrevivência de seus moradores.

Os remanescentes quilombolas<sup>5</sup> só começam a ter seus direitos assegurados a partir da Constituição Federal de 1988, a chamada constituição cidadã, que no Art.º 68 do Ato de Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), afirma: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes títulos respectivos.” (Brasil, Art. 68, 1988)

Tendo dessa forma o direito das terras reconhecido perante o Estado, nesse mesmo ano é criada a primeira instituição pública com o propósito de promover e preservar os valores culturais, históricos, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira: a Fundação Cultural Palmares (FCP). Ao lado da Fundação Palmares, surge em 1995 a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), que realizou o primeiro encontro nacional das comunidades

---

<sup>4</sup> Brasil escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiab/quilombo-dos-palmares.htm#Alimenta%C3%A7%C3%A3o+do+Quilombo+dos+Palmares>.

<sup>5</sup> Os remanescentes quilombolas são os descendentes de escravos que permaneceram nos quilombos, se tornando uma comunidade organizada que cultiva desde sua formação a cultura e o modo de vida de seus antepassados.

quilombolas, tendo por objetivo mobilizar as várias comunidades existentes no país, juntamente com outros movimentos negros, há a conquista legal de direitos específicos, como por exemplo a regulamentação do processo de titulação dos territórios quilombolas, através do Decreto de nº 4887 de 20 de novembro de 2003, que reserva para a Fundação Cultural Palmares a atribuição pela emissão de certidão às comunidades quilombolas.

Em 2004 é implementado o Programa Brasil Quilombola (PBQ), no qual é definido marcos para as políticas estatais para os quilombos, nele compreende um conjunto de ações chamada de “Agenda Social Quilombola”, que está garantida a partir do decreto de nº 6261 de 20 de novembro de 2007, implementando:

Art. 1º As ações que constituem a Agenda Social Quilombola, implementada por meio do Programa Brasil Quilombola, serão desenvolvidas de forma integrada pelos diversos órgãos do Governo Federal responsáveis pela execução de ações voltadas à melhoria das condições de vida e ampliação do acesso a bens e serviços públicos das pessoas que vivem em comunidades de quilombos no Brasil, sob a coordenação da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. (BRASIL, 2007)

Neste decreto as ações políticas foram agrupadas em quatro eixos centrais: Acesso à terra, infraestrutura e qualidade de vida, inclusão produtiva e desenvolvimento local e à cidadania. Com isso, é importante falar sobre a identidade quilombola, que está diretamente relacionada com o território onde se encontra essa comunidade, havendo uma relação dessa população com os seus antepassados, com a cultura, as tradições, as relações sociais e dessa forma contam a história tanto da comunidade, quanto do indivíduo, “a identidade está, assim relacionada com a ancestralidade, a cultura, o uso comum da terra, tendo a unidade familiar como elemento essencial, como afirmação étnica e política.” (ALMEIDA, 2002 *apud* Matos, Eugenio, 2018).

As comunidades quilombolas têm uma história de luta, resistência, resiliência e sobrevivência, cada uma traz em sua trajetória algo único e isso forma a identidade coletiva e individual e reconhecer esse processo, nos leva a autoidentidade.

Ainda sobre o direito à auto identidade, há controvérsias sobre a forma de reconhecimento e titulação das comunidades. Há um consenso de que é necessário reconhecer-se enquanto quilombola para ter seu direito à terra assegurado. Porém só se faz o reconhecimento e a titulação após o levantamento antropológico da comunidade e elaboração de um relatório técnico e científico, com o levantamento e discriminação da área do território. (BRANCO, 2007, p.71 *apud* SILVA, 2018, p. 03)

Mesmo com a titulação, com os órgãos públicos, afirmando que aquela comunidade é quilombola, o indivíduo só vai reconhecer quando ele se auto identificar como um integrante

de um quilombo, o levando para entender sua descendência e dessa forma entender quais são os seus direitos enquanto membro da comunidade. Já para o coletivo essa autoidentidade é necessária para as iniciativas como uma educação voltada para essa comunidade, o investimento e fortalecimento nas atividades agrícolas e artesanais.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 2.1 PERCURSO DA AUTORA

Quando vamos iniciar o projeto de pesquisa temos que definir o que será pesquisado, estudado e qual será o nosso campo de pesquisa. Muitos têm em mente o que vão fazer, qual sua área de interesse e curiosidade, era o meu caso, cheguei na disciplina com meu interesse aguçado em estudar o universo das religiões e doutrinas religiosas, um assunto que amo ler, ver as teorias e as crenças como são diversas. Fiz todo o meu projeto de pesquisa nessa temática, estava tudo pronto para ser iniciado a pesquisa e a elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Mas as coisas tendem a mudar e fugir um pouco do nosso controle, nós mudamos com o tempo e nossos interesses também, continuo amando o universo do estudo religioso, mas tive uma necessidade de me encontrar um pouco mais no tema. Foi quando voltei meus olhos para um campo que estava tão perto e mesmo tão longe de mim, as minhas origens e ancestralidade.

Tudo começa com a necessidade dos meus pais de saírem dos seus locais de origem e de suas raízes, em busca de melhores condições de vida. Minha mãe que é natural de Sumé e meu pai que é de Serra Branca no até então sítio Cantinho, os dois foram para São Paulo, em busca de empregos e melhores condições, algo muito comum principalmente para as cidades do interior naquela época.

Dessa forma eu e meu irmão nascemos em São Paulo, visitávamos nossos avós paternos nas férias. Mas em 2008, meu avô paterno, Francisco, faleceu, o que foi um marco de mudança, minha avó, Maria, ficou sozinha, foi quando meus pais viram a necessidade de voltar para a cidade de origem do meu pai, para cuidar da minha avó, que veio a falecer em 2012. Foi quando meus pais resolveram plantar e criar nas terras de herança, localizadas no Cantinho.

Em Serra Branca, foi onde eu concluí o ensino fundamental II e médio, no ensino médio foi quando conheci a sociologia e me interessei pela disciplina, assim, tive a oportunidade de entrar na faculdade, por ser uma universidade pública e ser na cidade vizinha em Sumé – Paraíba, há cerca de 33km de Serra Branca. Escolhi o curso de Ciências Sociais, na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, sendo o campus de Sumé o Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – CDSA, na Unidade Acadêmica de Ciências Sociais – UACIS, por ser uma das disciplinas que mais gostava no colégio, mas descobri um mundo diverso de conhecimento. A minha primeira curiosidade foi sobre as religiões, mas

durante a minha formação aconteceu uma pandemia e tive algumas perdas como o falecimento da minha avó materna, Olivia.

Nesse momento me vi questionando meu objeto de pesquisa, em uma conversa com uma amiga fui questionada do porquê de não fazer sobre a minha comunidade (que foi titulada como comunidade quilombola em 2020), a minha resposta foi porque não me sinto pertencente ao quilombo e recebi como resposta que justamente era uma questão para pesquisa e comecei a refletir sobre a possibilidade de fazer meu TCC sobre o Quilombo Cantinho.

Levei esse questionamento ao meu orientador e ele me encaminhou para algumas pesquisas e leituras, a partir disso fui descobrindo um pouco mais sobre os meus ancestrais, a ligação de parentesco e a relação com a terra dos integrantes da comunidade, além de começar a fazer parte de forma mais ativa, principalmente nas reuniões e eventos.

## 2.2 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

### 2.2.1 Problema de pesquisa

O que é fazer parte de uma comunidade, de um grupo étnico, como fazer parte desse grupo. Esse foi o meu questionamento, como pertencço ao quilombo. Eu sou descendente do Quilombo Cantinho e queria entender como fazer parte da comunidade, o que tornava as pessoas do Cantinho membros desse grupo étnico que é o quilombo.

### 2.2.2 Objetivos

#### 2.2.2.1 Objetivo Geral

Compreender como os moradores da comunidade Quilombola Cantinho de São João Batista se sentem pertencentes ao grupo étnico de remanescentes quilombola.

#### 2.2.2.2. Objetivos específicos

Descrever a origem do município de Serra Branca e do Quilombo Cantinho e a constituição da comunidade.

Identificar a importância e vivências com o território para os moradores do Cantinho.

Esquematizar a genealogia dos moradores do Quilombo.

### 2.2.3 Metodologia

A pesquisa foi realizada em etapas, a primeira se deu através de um levantamento bibliográfico, de estudos sobre a temática, em livros, artigos científicos e sites de instituições voltadas para as questões quilombolas. A segunda etapa foi o levantamento da história do município de Serra Branca onde está localizada a comunidade quilombola Cantinho, partindo dos colonizadores dessa região, os Oliveiras Lêdos, e a vinda do povo negro para essas terras, através de referências bibliográfica e uma entrevista realizada com o historiador do município Zezito<sup>6</sup>. A terceira etapa foi o levantamento bibliográfico e de relatos sobre as origens da comunidade quilombola, que se deu através de quatro antigos vídeos que contém entrevistas, que foram realizadas em 2010, que me foram fornecidas pelo historiador local, acima citado, sendo usados trechos das entrevistas com os seguintes moradores Dona Lurdes, Dona Maria José, Seu Manuel (Neguinho) e Seu Wilson, que já faleceram,

A quarta etapa foi a coleta de dados, recorri ao uso das histórias orais, mediante a realização de entrevistas individuais, semiestruturadas (Apêndice 1), com análise qualitativa. A história oral é um importante instrumento de pesquisa, que possibilita, por vezes essas histórias serem vistas/ouvidas, que possam ser narradas por aqueles que vivenciaram, “a arte da narração não está confinada nos livros, seu veio épico é oral” (BOSI, 1987, pág. 43).

Foram entrevistados quatro moradores, que foram escolhidos aleatoriamente e o líder da comunidade, além das conversas “de calçada”, com outros moradores, os entrevistados não tiveram seus nomes revelados no decorrer do trabalho, sendo usados nomes de referência a integrantes de antigos quilombos como o quilombo dos Palmares.

Traçando o perfil dos cinco entrevistados: o primeiro foi um homem de 56 anos de idade ao qual vamos chamado de Ganga, a segunda foi uma mulher de 29 anos de idade a qual vamos chamada de Dandara, o terceiro é um homem de 58 anos de idade ao qual vamos chamar de Zumbi, a quarta é uma mulher de 57 anos de idade a qual vamos chamada de Sabina e o quinto entrevistado foi o líder do quilombo que permitiu ser usado seu nome seu Severino, um homem de 59 anos de idade.

Também foi coletado dados, como registros de óbito e batismos, no site FamilySearch<sup>7</sup>. A quinta etapa foi a elaboração das estruturas de parentesco tanto da família Oliveira Lêdo, que

---

<sup>6</sup> Professor, Mestre e especialista em História Social da Escravidão e Relações Étnica-Raciais, pela UFCG.

<sup>7</sup> O FamilySearch é uma organização internacional, sem fins lucrativos, dedicada a ajudar as pessoas a descobrir sua história de família. Site: <https://www.familysearch.org/pt/>.

foram os fundadores do município, quanto dos integrantes da comunidade quilombola, que é o objeto da pesquisa. Essas estruturas de parentesco foram elaboradas através do aplicativo GenoPro<sup>8</sup>

#### **2.2.4 Estrutura do texto**

O trabalho é composto pelo primeiro capítulo introdutório, intitulado Quilombo, que aborda alguns elementos que estruturam o objeto de pesquisa, trazendo uma introdução do que são os quilombos e o aporte de leis sobre a temática.

O segundo capítulo retrata os processos metodológicos, incluindo o percurso da autora/meu percurso e o que levou a escolha do tema, depois abordando a organização do trabalho como a pergunta norteadora do trabalho, os objetivos gerais e específicos, a metodologia que foi utilizada e a estrutura do texto.

A parte histórica é retratada no terceiro capítulo, trazendo um pouco sobre as origens dessa região. O capítulo é dividido em três partes: 1) sendo iniciado com alguns dados do IBGE e o que ele retrata sobre a história do município onde foi realizada a pesquisa, através de referências bibliográficas e abordado a história da formação desse município com a chegada da família Oliveira Ledo que colonizou essa região até a compra das terras pela família Alves Pequeno; 2) É retrato a vinda do povo negro para a região do cariri paraibano e por fim 3) A história da formação do quilombo Cantinho e alguns relatos sobre alguns dos primeiros moradores da comunidade quilombola.

O quarto capítulo é composto por dados atuais sobre a comunidade Quilombola do Cantinho, sendo dividido em quatro partes que abordam: 1) A representatividade do nome da comunidade e retratando os nomes que ela é conhecida e a origem desses nomes; 2) A localização da comunidade e como se dá o acesso ao quilombo; 3) Sobre a população da comunidade, quantidade de moradores, idade e cor, sobre as moradias e como é formada a renda dos moradores da comunidade, e por fim; 4) Os espaços coletivos da comunidade, o postinho e como é a saúde oferecida aos moradores da comunidade, sobre a educação que os alunos têm que se deslocar para o município e a antiga escola da comunidade que foi fechada e hoje é a sede da associação e por fim, a igreja e o salão de eventos, onde é realizada todas as comemorações da comunidade.

---

<sup>8</sup> *Geno Pro* é a ferramenta de criação de árvore genealógica e genogramas mais intuitiva e completa. *O Geno Pro* facilita a construção de árvores genealógicas simples, mas também permite que você crie árvores genealógicas complexas. Disponível em: <https://genopro.com/>

No quinto capítulo são retratado o território e os grupos étnicos, o capítulo é dividido em três partes, sendo: 1) Os estudos sobre os grupos étnicos, a partir da teoria de Frederick Barth, 2) E abordado os conceitos de território e territorialidade, a partir da concepção de Rogério Haesbaert e 3) A importância do território para os moradores e a tomada de terras no Quilombo.

O sexto capítulo trata sobre o parentesco da comunidade Cantinho, sendo dividido em duas partes: 1) Os estudos sobre o parentesco na concepção de Armino dos Santos, que são o aporte teórico do capítulo e 2) As estruturas de parentesco dos moradores do Quilombo Cantinho, tendo origem em duas ancestrais e três das linhagens formadas, que hoje compõem a comunidade.

O sétimo capítulo é a conclusão do trabalho, sendo abordado a conclusão da pesquisa diante das inquietações que a motivaram, as contribuições para o meio acadêmico e para melhorias da comunidade e a visibilidade para a história dos moradores do Quilombo Cantinho.

### 3 LAÇOS FAMILIARES E A OCUPAÇÃO DE SERRA BRANCA

O município de Serra Branca fica localizado na mesorregião da Borborema e na microrregião do Cariri Ocidental, no Estado da Paraíba, a cerca de 225 km da capital João Pessoa, entre os municípios de São João do Cariri e Sumé. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município conta com uma população estimada em 13.807 habitantes, tem como bioma a Caatinga e tem uma área territorial de 698,102 km<sup>2</sup>.

**Mapa 1** - Região Nordeste, mostrando a Paraíba e o município de Serra Branca-PB.



Fonte: Acervo Rosana Medeiros, 2018.

Atualmente a cidade é constituída por oito bairros: Centro, Ahú, Pilão, Pereiros, Alto da Conceição, Limeirão, Zézinho tranquilo e Odonzão, tem dois distritos: Santa Luzia e Sucuru e três comunidades quilombolas certificadas: Cantinho, Lagoinha e Ligeiro de Baixo.

#### 3.1 DA FAMÍLIA OLIVEIRA LEDO AOS ALVES PEQUENOS

No site do IBGE, há um pequeno resumo da história de Serra Branca e dos colonizadores que aqui chegaram, trazendo alguns nomes e datas, mas não fornece a história completa de sua formação. Diante disso fui em busca da história do município, através de referências

bibliográficas como artigos e sites e de um historiador local, José Pequeno (Zezito), que em uma conversa me passou algumas informações.

A história de Serra Branca tem ligação direta com a família Oliveira Ledo, que tiveram bastante influência na “conquista” da capitania da paraíba no século XVII. “Provenientes da Capitania da Bahia, a família Oliveira Ledo teria iniciado a conquista de terras na Capitania do Rio Grande, nas localidades dos rios Mipibú e Potengi, onde receberam duas concessões, as chamadas sesmarias” (COSTA, 2012, pág. 1).

Segundo Costa (2012), a família Oliveira Ledo, teria saído da Bahia em 1664, ido para o Rio Grande e em 1665, teria ido para a capitania da paraíba, quando é doada a primeira sesmaria<sup>9</sup> para a família Oliveira Ledo, na região do Piancó. Que compreendia “parte do nascente, com o sertão do Cariri, cuja divisão lhe faz a serra chamada Borborema e, da parte do poente, com o sertão do Jaguaribe e vila de Icó, e tem distância, de uma a outra extrema, pouco mais ou menos cinquenta léguas;” (Wilson Seixas *apud* COSTA, 2012, pág. 2).

De acordo com Costa (2012), a família Oliveira Ledo, recebeu 16 concessões de terra no período entre 1663 á 1730, que pela ordem régia de 1697, tinham que obedecer o tamanho de três léguas<sup>10</sup> de comprimento por uma légua de largura. As sesmarias foram doadas a família Oliveira Ledo com o objetivo de conquistar o sertão e povoar a região, que era denominada de Capitania da Paraíba.

Nessa época vieram mais pessoas para essa região, que adquiriram as terras através de cartas de sesmarias, dentro dos limites das terras dos Oliveira Ledo. “Além disso, havia outros sesmeiros, assim como posseiros, ocupando a mesma região que, em tese, estaria de posse a família Oliveira Ledo” (COSTA, 2012, pág. 3).

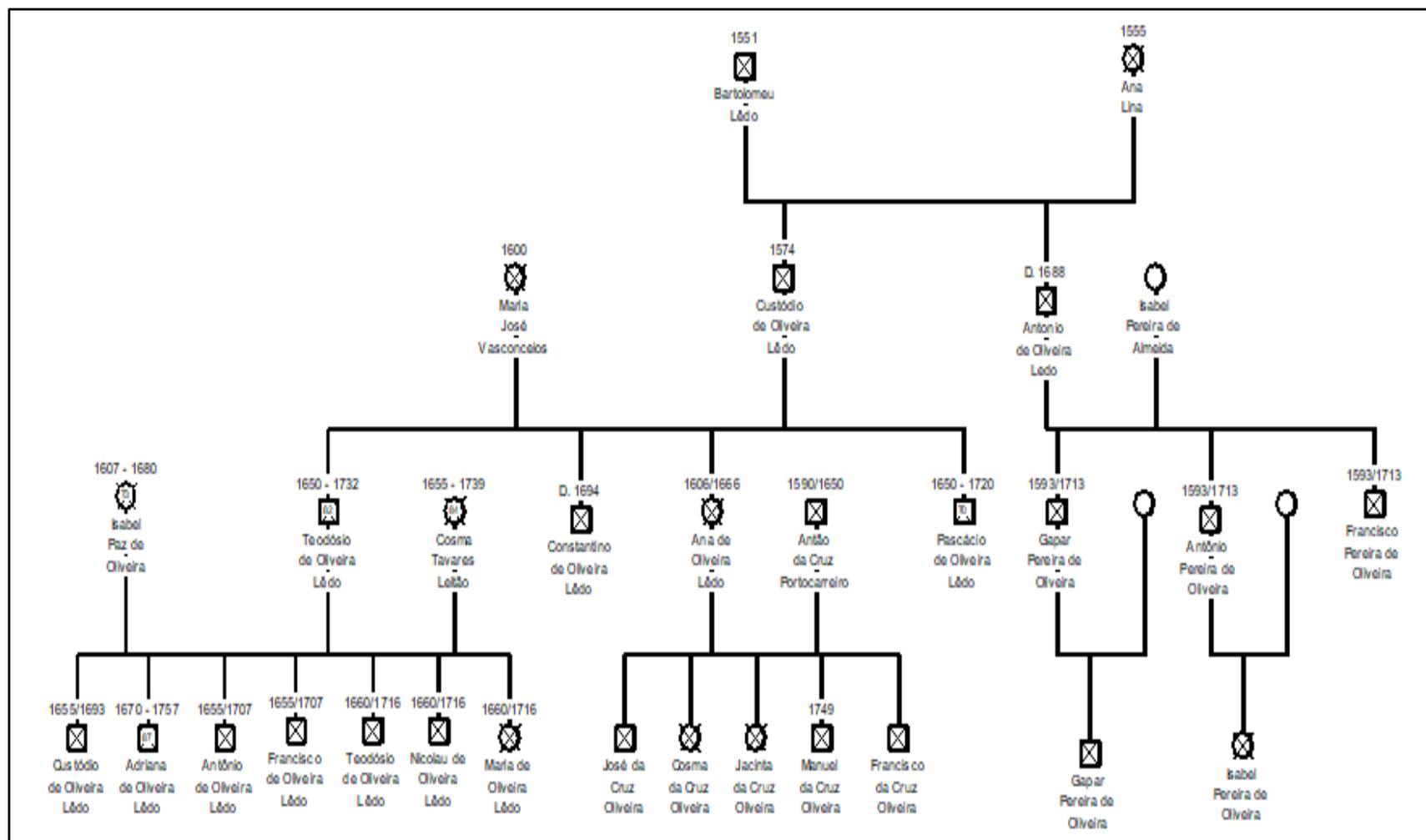
A família Oliveira Ledo era formada por Antônio de Oliveira Ledo e Custódio de Oliveira Ledo, filhos de Ana Lins e Bartolomeu Ledo. Com a chegada da família a capitania da paraíba, Antônio de Oliveira Ledo recebeu a patente de capitão mor do sertão do Piancó e Piranhas, patente essa que foi passada por gerações dentro da família Oliveira Ledo. Antônio era casado com Isabel Pereira de Almeida, dos quais supunha-se que tiveram três filhos, Francisco Pereira de Oliveira, Antônio Pereira de Oliveira e Gaspar Pereira de Oliveira.

---

<sup>9</sup>A lei das Sesmarias vingou no Brasil no século XVI após a ocupação territorial por meio das Capitâneas Hereditárias. Trata-se de um documento no qual determinava quais eram os critérios para a divisão dessas terras e como iriam ser os impostos cobrados a partir dela. Através de registros históricos é possível detectar como, quando e onde diversas pessoas moravam, além de saber como esses territórios foram herdados. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/sesmarias/>.

<sup>10</sup>Medida de distância que, no Brasil, equivale a 6.600m.

**Diagrama 1 - Genealogia da Família Oliveira Lêdo.**



Fonte: Autoria Própria, 2023.

Mesmo tendo filhos, Antônio de Oliveira Ledo passa a patente de Capitão mor do sertão do Piacó e Piranhas, para seu sobrinho, Constantino de Oliveira Ledo, que era filho de Custódio de Oliveira Ledo e de Maria José Vasconcelos, que tiveram mais três filhos, sendo eles: Teodósio de Oliveira Ledo, Pascácio de Oliveira Ledo e Ana de Oliveira Ledo.

A terras juntamente com a patente ficam com Constantino até o seu falecimento. “Quando Constantino de Oliveira Ledo (segundo a ocupar o cargo), filho de Custódio, faleceu, no ano de 1694, o cargo foi passado ao seu irmão, Teodósio de Oliveira Ledo” (COSTA, 2012, pág. 5). Teodósio, foi casado duas vezes, o primeiro casamento foi com Isabel Paz de Oliveira, com quem teve quatro filhos: Custodio de Oliveira Ledo, Adriana de Oliveira Ledo, Antônio de Oliveira Ledo e Francisco de Oliveira Ledo. Seu segundo casamento foi com Cosma Tavares Leitão, com quem teve três filhos: Teodósio de Oliveira Ledo, Nicolau de Oliveira Ledo e Maria de Oliveira Ledo.

Segundo Zezito (2022), ao chegarem nas terras do cariri os Oliveira Ledos, encontraram essa região ocupada pelos chamados Índios Cariris<sup>11</sup>, que são os nativos dessa região, esses habitantes denominavam essa região de Itamorotinga, que significa na língua nativa pedra branca ou pedra esbranquiçada, que levava esse nome por causa de uma serra branca aqui encontrada, que é chamada atualmente, de Serra do Jatobá<sup>12</sup>. Os Índios Cariris viviam de agricultura, plantando mandioca, milho, e outros produtos de sua cultura. Eles viviam em aldeias às margens dos rios, caçavam, pescavam e tinham seus próprios costumes e tradições.

---

<sup>11</sup>A Nação Cariri dividia-se em várias tribos, em território paraibano e proximidades encontravam-se os Paiacus, Icós, Sucurus, Ariús, Panatis, Canindés, Pegas, Janduis, Bultrins e Carnoiós. Disponível em: <https://www.paraibacriativa.com.br/artista/indios-cariris/#:~:text=A%20Na%C3%A7%C3%A3o%20Cariri%20dividia%2Dse,nas%20lutas%20contra%20os%20b andeirantes>.

<sup>12</sup>Na serra do Jatobá existe um conjunto de pinturas rupestres em um grande lajedo e caverna. A Serra Branca ou Serra do Jatobá é considerada o maior batólito da América do Sul, um local perfeito para trilhas, rapel, escaladas, e várias outras modalidades de esportes de aventura. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/egbertoaraujo/5107038607/in/photostream/>.

### Fotografia 1 - Serra do Jatobá.



Fonte: Acervo Beatriz Alves, 2022.

Com a chegada dos colonizadores a região, se inicia os conflitos com os nativos, tendo como objetivo a catequização dos nativos e que eles se aliassem à coroa Portuguesa. Os que negavam se unir à coroa, eram escravizados, para “utilizar” essa mão-de-obra, através de “guerras justas”<sup>13</sup>.

“Contudo, mesmo utilizando-se de medidas justificáveis pela Coroa portuguesa, o capitão-mor de fronteira, Teodósio, teria cometido excessos, “matando a sangue frio”, como frisou Almeida Prado, vários índios que habitavam a região sertaneja da Paraíba” (COSTA, 2012, pág. 15).

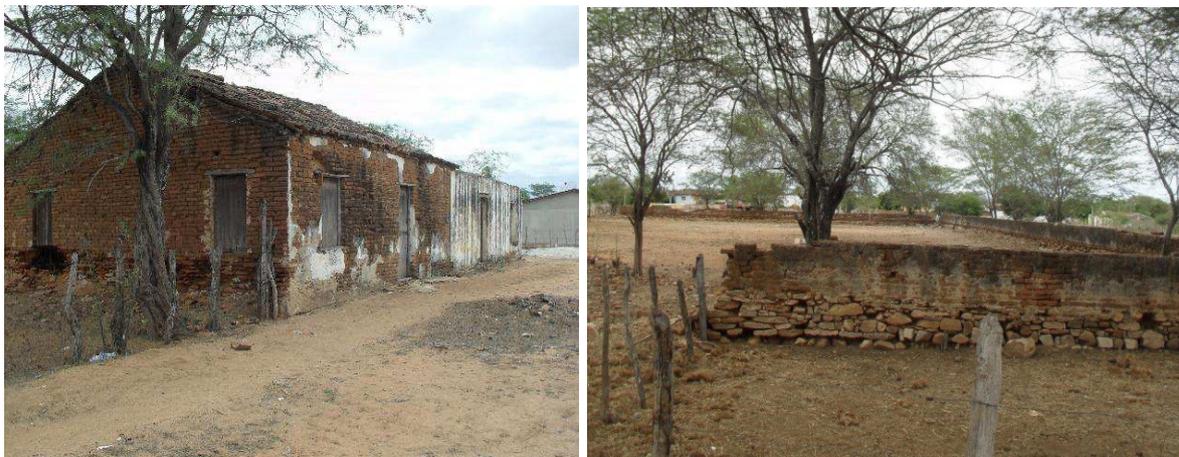
Esse conflito foi denominado de “Guerra dos Barbaros”, havendo muitos índios assassinados pelo Teodósio de Oliveira Ledo. “O processo de colonização, no Cariri, foi feito em meio a muitas lutas e assassinatos; os nativos sofreram com a invasão, mas nunca deixaram de resistir” (PEQUENO FILHO, 2014, pág. 44).

Teodósio e sua família, foram os primeiros (não nativo), que chegaram a essa região e “tendo sido deles as terras e os primeiros currais de pau a pique, assim como as primeiras casas de taipa neste sítio da Serra Branca” (PEQUENO FILHO, 2014, pág. 56). Teodósio que era o Capitão Mor do sertão do Piancó e Piranhas, veio a morrer no ano aproximado de 1732.

---

<sup>13</sup>Eram aquelas autorizadas pela Coroa ou pelos governadores ou as travadas em legítima defesa contra os ataques indígenas. A lei de 11 de novembro de 1595 estabelecia que as "guerras justas" somente seriam feitas por ordem do rei. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/viewFile/378/287#:~:text=Segundo%20a%20lei%20de%201570,feitas%20por%20ordem%20do%20rei.>

**Fotografia 2** - Casa grande e curral da Fazenda Serra Branca sec. XIX.



**Fonte:** Pequeno Filho, 2014, pág. 57.

Com a morte de Teodósio, seu filho Antonio de Oliveira Ledo, herdou as terras localizadas no cariri, juntamente com a fazenda e o curral de Serra Branca (Foto 2), ficou com a tutela dos seus irmãos e se tornou o novo Capitão Mor do Sertão do Piancó e Piranhas até o ano de 1752.

No ano de 1752, quando o Capitão Mor Antonio de Oliveira Ledo, em sua residência na cidade de Olinda em Pernambuco, por estar com uma idade avançada e com problemas de saúde, com uma doença que eles chamavam de “moléstia grave”, que é a tuberculose, resolveu fazer seu testamento, onde é declarado:

[...] Declaro que sou natural do Rio São Francisco, filho legítimo do capitão-mor Teodósio de Oliveira Ledo e de sua mulher Isabel Paes. Declaro que em todo o monte há fazenda seguinte: Sítio da Serra Branca com três legoas de terras de comprido e duas de largo e seus logradouros feitos e por fazer o qual houve por legítima de minha mãe etc. Declaro que no Sítio da Serra Branca, poderá haver seiscentos vacum, pouco mais ou menos, entre machos e fêmeias, vinte e três cabeças de gado cavalari entre machos e fêmeias, etc. (SEIXAS, 2004 *Apud* PEQUENO FILHO, 2014, pág. 52).

Segundo Zezito (2022), mesmo sendo herdeiro dessas terras Antônio veio poucas vezes a essa região, desta forma quem administrava a fazenda eram os vaqueiros<sup>14</sup>. Desta forma, é incluído no testamento suas posses que estavam localizadas no Cariri, além do Sítio da Serra Branca no Cariry de Fora com três léguas de comprimento e duas de largura e vinte e três

<sup>14</sup>“Sobre os vaqueiros, nesta pesquisa, não foi possível identificá-los se eram escravos ou não porque os documentos não citam o vaqueiro na sua condição, se referem apenas ao papel que assume na fazenda...” (PEQUENO FILHO, 2014, pág. 58)

cabeças de gado cavalari<sup>15</sup>, entre machos e fêmeas, também é incluído no testamento as pessoas que aqui eram escravizadas.

[...] Declaro que os escravos que há são os seguintes: um crioulo por nome André de idade de trinta anos pouco mais ou menos, Joaquim dos gentios da Guiné, de idade de cinquenta anos pouco mais ou menos, Manoel de Angolla de idade de dezesseis anos, pouco mais ou menos – tenho um mameluco por nome Francisco de idade doze anos, Isabel Angolla, de idade de dez anos, duas crioulinhas uma por nome Antônia e outra por nome Anna. (PEQUENO FILHO, 2014, pág. 56).

Segundo Pequeno Filho (2014), após a morte de Antonio de Oliveira Ledo, às terras do Cariri passam para novos donos e herdeiros de Antônio, que eram João Gonçalves Domingues que era casado com Teodósia da Cruz, que provavelmente era a filha de Antonio de Oliveira Ledo, que moravam no bairro de Santo Antônio, em Recife. Com a morte de João Gonçalves Domingues no ano de 1809, sua filha Ana Rita do Rosário, manda fazer uma carta precatória<sup>16</sup> e o levantamento dos bens da fazenda Serra Branca, o processo correu até o ano de 1813.

Segundo Zezito (2022), as terras do cariri são compradas pela Família Alves Pequeno. Nesse período na região já havia, “os primeiros sítios estabelecidos no Cariri foram os sítios Serra Branca, Mucuitu, São Thomé, Alagoa do Monteiro, Santana do Congo, Caraúbas, Taperoá e Cabaceiras” (PEQUENO FILHO, 2014, pág. 44).

Segundo Pequeno Filho (2014), em abril de 1750, foi criado provavelmente pelos jesuítas, a igreja e a freguesia de Nossa Senhora dos Milagres. Sendo elevada a vila em 1798, com o nome de São Pedro. A vila foi oficialmente instalada em maio de 1803, quando as terras foram doadas pelo José Francisco Alves Pequeno, para a fundação da denominada Vila Real de São João, que recebeu esse nome em homenagem ao príncipe regente D. João.

O mapa (mapa 2) a seguir referência a divisão administrativa da Paraíba até o ano de 1822, destacando em negrito a área territorial que pertencia até então denominada Vila real de São João, que abrangia os municípios hoje denominados de Serra Branca, São João do Cariri, Sumé, entre outros.

---

<sup>15</sup>Relativo a cavalo (ex.: espinhaço cavalari). Da raça do cavalo (ex.: gado cavalari).

<sup>16</sup>Documento precatório. Documento que garante o pagamento do que foi estabelecido judicialmente, especialmente atribuído à parte que deverá receber o valor estipulado pelo juiz.

**Mapa 2** - Divisão administrativa da Província da Paraíba no início do Século XIX destacando em negrito a região que fazia parte da Vila Real de São João do Cariri. Fonte: Atlas Geografia da Paraíba (1965).



Fonte: Pequeno Filho, 201

Nesse período está incluído no território da Vila Real de São João, a fazenda Serra Branca, que se torna o quinto Distrito da então sede, São João do Cariri no ano de 1840, sendo registrado oficialmente em 15 de novembro de 1921. O distrito de Serra Branca, era bastante povoado e formado por muitas fazendas espalhadas pela região, tendo solos férteis e uma grande quantidade de criação de animais de gado vacum<sup>17</sup>, cavalari e gados miúdos<sup>18</sup>, sendo assim, a principal fonte de sustento para a economia de São João.

Em 1943, Serra Branca volta a ter o nome de Itamorotinga, o que não durou muito e por motivos políticos, em 1947, o distrito foi elevado a cidade e voltando a ter o nome de Serra Branca, alcançando em 27 de abril de 1959 a sua emancipação política. No ano seguinte, em 1960, foi criada a Comarca<sup>19</sup> de Serra Branca e instalado o cartório do Único Ofício, no município.

<sup>17</sup>Conjunto de bois, bezerros, vacas, vitelas, touros ou novinhos.

<sup>18</sup>Conjunto de ovelhas, cabras ou porcos.

<sup>19</sup>Circunscrição administrativa, divisão territorial, que está sob a responsabilidade de um ou mais juizes de direito.

### 3.2 A PRESENÇA DA POPULAÇÃO NEGRA NA REGIÃO DO CARIRI

A colonização brasileira é marcada pelo período da escravidão Africana e Indígena e a ocupação do cariri paraibano não é diferente, “a região do Cariri começou a ser ocupada ainda na segunda metade do século XVII, juntamente com muitos escravos” (PEQUENO FILHO, 2014 pág. 60). Os colonizadores do cariri trouxeram para a região, muitos africanos escravizados, segundo Pequeno Filho (2014), essas pessoas eram trazidas para o sertão de várias partes do continente africano, sendo usadas tanto para carregamento de suprimentos durante a viagem, quanto para trabalhos forçados quando foi estabelecido as fazendas na região. Alguns registros mostram a existência de pessoas mantidas como cativos nesta região.

Na primeira metade do século XVIII, quando da identificação da existência de planteis de cativos, na região de Serra Branca com cativos africanos e índios, constando em cabaceiras um número de 23 cativos, alguns com problemas de saúde como consta no inventário de Izabel Oliveira Ledo, (PEQUENO FILHO, 2014 pág. 60).

“No testamento de Izabel, ela declara escravos de várias nações africanas, como: Angola, Congo, Benguela, Guiné, e muitos escravos nascidos no Brasil,” (PEQUENO FILHO, 2014 pág. 63). A presença de pessoas negras escravizadas no cariri paraibano pode ser constatada através dos inventários feitos pelos membros da família Oliveira Ledo, como foi supracitado e, pode se verificar pelos registros de batismo dos cativos da fazenda na época em que os proprietários eram a família Alves Pequeno.

Um dos proeminentes detentores de terras da Fazenda Serra Branca do século XIX, Antônio José Alves Pequeno, assim como seu pai Francisco Alves Pequeno, foi proprietário, juntamente com sua esposa, Anna Carolinna Pequeno, de inúmeros escravizados, como consta em antigos registros de batismos de pessoas da sua fazenda, bem como em seu próprio inventário datado de 1881 (SANTOS, 2018, pág. 4).

Segundo Pequeno Filho (2014), em alguns dos inventários eram registrados até os cativos que estavam “ausentes”, ou seja, os que fugiram dos cativeiros, havendo a possibilidade de estarem em quilombos pela região, vivendo de pequenas rendas, através de trabalhos artesanais como a produção de louças e telhas de barro, cordas e correias de couro e pequenas roças. O artesanato realizado pelo povo negro era usado pelos fazendeiros para movimentar suas riquezas, a exemplo do sítio feijão que é localizado em Serra Branca, que no século XIX, tinha uma senzala e olaria que produziam telhas, tijolos e louças de barro, que abastecia a economia da região da vila de São João.

### 3.3 O QUILOMBO E SUA HISTÓRIA EM SERRA BRANCA

Segundo o historiador Zezito (2022), a fazenda Serra Branca, tinha muitas pessoas escravizadas, livres e libertos<sup>20</sup>. Havendo também nessa região os que fugiam dos engenhos das redondezas, sendo formado por essas pessoas as comunidades quilombolas que aqui existem, como a exemplo das comunidades que hoje tem a titulação de quilombo: Cantinho, Ligeiro de Baixo e Lagoinha.

Mas como surgiu a comunidade quilombola do Cantinho? Havendo três possíveis origens para a comunidade, sendo complementares da história do quilombo. A primeira é que “a comunidade Cantinho originou-se como um caso típico de senzala, qual seja: aquela distante da casa-grande” (SANTOS, 2018, pág. 9). Por ser longe da casa-grande as pessoas escravizadas teriam que andar alguns quilômetros até a fazenda e com o fim da escravidão em 1888, permaneceram residindo no cantinho por gerações.

A segunda, de acordo com o líder quilombola, Seu Severino Moreno (2022), que relatou através de uma entrevista, que no período escravocrata, quem comandava eram os senhores de engenho e os fazendeiros que tinham escravos nesta região. A comunidade vem a surgir pelo abandono das pessoas escravizadas que não eram mais "úteis" para esses senhores, dessa forma, eram mandados para o cantinho:

“A comunidade surgiu, já no tempo da escravidão, que era onde quem comandava mais era os senhores de engenho e os ricos fazendeiros, que é onde eles trabalhavam com o povo e quando esse pessoal não tava mais servindo para as lutas dele ele estava de os desprezo, aí mandava vim para qui, dizia vá para o cantinho vamos ver primeiro e vá para o cantinho para todos aqueles que ele não precisava mais que achava que ele não estava dando conta das obrigação e botaro para qui, foi onde se formou essa comunidade, com o nome cantinho, o nome cantinho foi dado por causa disso, que ele dizia vá pô cantinho, era um lugar que ele fazia como solta, era era, botava pra lá né, mandava para cá e foi aí que surgiu a comunidade” (Severino, 2022).<sup>21</sup>

Essas pessoas que eram dispensadas de seus trabalhos forçados eram mandadas para as margens da propriedade, sendo um cantinho da terra. Seu Severino também fala sobre os primeiros moradores da comunidade:

Os primeiros moradores, foi o o meu avô o Severino Anastácio, o irmão dele, inclusive, que é o seu bisavô né o João Anastácio, o Sulino Anastácio, que eles era irmão, aí tinha Antonio de Cândida, tinha Tereza que era a mulher de Cândido, tinha Isabel, Isabel foi uma das primeiras e Anastácia que era minha bisavó e José da Cunha, Maricó e as famílias maior foram a família dos Anastácio. (Severino, 2022)

Em suas falas seu Severino aborda sobre um dos lados da formação da comunidade, que é esse abandono da mão de obra escravizada pelos senhores de engenho, onde essas pessoas

<sup>20</sup> Diz-se do escravizado que ganhou a liberdade; forro.

<sup>21</sup> Entrevista com Severino, na comunidade quilombola cantinho em 28/02/2022.

são mandadas para um canto no território que hoje é o quilombo. Mas podemos ver um terceiro lado da história da formação da comunidade, através das falas de Seu Wilson, que retrata as pessoas escravizadas que fugiam para essa região.

Em uma entrevista realizada pelo Professor Zezito com Seu Wilson Correia de Queiros, que na época tinha 84 anos, natural do município de Serra Branca, mais precisamente da comunidade Cantinho, ao qual me foi informado pelo entrevistador que Seu Wilson faleceu pouco tempo depois dessa conversa. A entrevista aconteceu no dia 11 de julho de 2010, ao qual me foi fornecida e que contém um registro importante sobre a Comunidade do Cantinho e a descendência dos moradores.

Seu Wilson, relata um pouco sobre a história de sua avó Cândida e uma colega Anastácia, duas mulheres negras que foram escravizadas e vieram fugidas do Rio Grande do Sul para essa região. “A mãe de meu pai, chamasse Cândida, ela veio do Rio Grande do Sul, ela e mãe Anastácia, fugida do tempo da escravidão pra não ser morta” (Wilson, 2010)<sup>22</sup>. Seu Wilson também retrata a compra das terras onde agora está localizada a comunidade do Cantinho:

“(...) a mãe do meu pai, trabalhou doze anos, mais essa Anastácia, doze anos, elas trabalharam doze anos, pra compra um terreno pra os três fios, tio Antonio, tia Cândida, meu Pai e tia Maria. Elas trabalharam doze anos, mais de doze anos, ai compraram um terreno por oito mil reis, na Cotó, só queria que vocês visse a terra, tanta terra, umas dez ou doze ‘equitares’ de terra.” (Wilson, 2010)

Durante a entrevista, seu Wilson fala que dona Cândida teve três filhos (um homem e duas mulheres) e que dona Anastácia teve dezesseis filhos, que foram todos criados na Cotó. Nas duas falas, tanto de Seu Wilson, quanto na de Seu Severino é retratado como uma das primeiras moradoras a Dona Anastácia, sendo a maior família que reside na comunidade atualmente são os Anastácio.

---

<sup>22</sup> Entrevista com Wilson, realizada pelo historiador Zezito em 11/07/2010.

## 4 QUILOMBO CANTINHO DE SÃO JOÃO BATISTA

### 4.1 NOME É REPRESENTATIVIDADE

Quando nomeamos algo ou alguém, buscamos dar significado e representatividade, uma comunidade não é diferente, seu nome pode ter origem histórica, ou representar algo memorável que contém naquele espaço, ou alguém que foi e é importante para aquele povo.

O quilombo Cantinho, não é diferente, seu nome vem com grande representatividade de uma de sua possível origem, como foi mencionado acima, que se deu através do abandono dessas pessoas, as quais eram mandadas para o cantinho:

A comunidade surgiu, já no tempo da escravidão, que era onde quem comandava mais era os senhores de engenho e os ricos fazendeiros, que é onde eles trabalhavam com o povo e quando esse pessoal não tava mais servindo para as lutas dele ele estava de os desprezo, aí mandava vim para qui, dizia vá para o cantinho vamos ver primeiro e vá para o cantinho (...) o nome cantinho foi dado por causa disso, que ele dizia vá pô cantinho, era um lugar que ele fazia como solta, era, botava pra lá né, mandava para cá e foi aí que surgiu a comunidade. (SEVERINO, 2022).

Antes da comunidade receber a titulação, era considerada um sítio, assim como vários outros quilombos são considerados, nesse período a comunidade ganhou, digamos que um apelido, sendo chamada de Cotó, em uma entrevista realizada em 2010, pelo historiador Zezito, com Dona Maria José Anastácio de Brito, já falecida, é abordado o porquê do nome Cotó e ela explica: “Cotó já vem de cima, lá do sítio né... tinha uma vaca cotó, aí batizaram, ficou Cotó, mas ninguém é Cotó” (Maria José, 2010).<sup>23</sup>

Nessa mesma entrevista Dona Maria José retrata sobre o porquê de o nome da comunidade ser Cantinho de São João Batista, que quando o quilombo passa a ser chamado de comunidade e não mais de sítio, o padre que na época costumava ir até a comunidade, acrescentou o padroeiro ao nome cantinho:

Padre Tarcísio, que naquela época era ele, ai ele disse que, aqui chamava a cotó, toda vida foi o nome a cotó, mas que ele, agora que era, comunidade né, ai tinha que ser comunidade de São João Batista, por que o padroeiro é São João Batista. Ai ele mudou, é pra tira esse nome da cotó e bota Cantinho de São João Batista (MARIA JOSÉ, 2010).

Dessa forma, a comunidade leva em seu nome a origem da comunidade e o nome do padroeiro do quilombo, além de ainda ser conhecida por muitos pelo apelido de Cotó e desde o dia 02 de janeiro de 2020, a comunidade recebeu a titulação de remanescente quilombola (Anexo 1), sendo hoje chamada de Quilombo Cantinho São João Batista.

---

<sup>23</sup> Entrevista com Maria José, realizada pelo historiador Zezito em 11/07/2010.

## 4.2 LOCALIZAÇÃO E ACESSO

A comunidade está localizada no município de Serra Branca – PB, tendo seu acesso através da BR-412, onde após cerca de 12 km podemos avistar uma conquista obtida pela comunidade, que se trata de uma placa de identificação doada pelo Departamento de estradas e rodagens do Estado da Paraíba (DER), dando visibilidade a localidade da comunidade e facilitando o acesso de visitantes que não conhecem a região.

**Fotografia 3** - Placa de localização da Comunidade Quilombola Cantinho – Serra Branca/PB.



**Fonte:** Acervo Beatriz Alves, 2022.

A chegada à comunidade é anunciada pela mudança do asfalto na BR 412, para a estrada de terra que é característica das áreas rurais do Cariri. Ao longo dessa estrada até o centro da comunidade há algumas árvores por onde o sol do amanhecer passa por trás e vendo essa paisagem me trouxe uma sensação de paz e reflexão, me lembrou de algo em que assisti e trouxe um mix de sentimentos e o principal era para aproveitar aquela bela vista.

Ao chegar ao centro da comunidade, em uma de minhas idas, comecei a ver as casas com os moradores em suas tarefas do começo do dia e outras casas ainda se encontravam fechadas por ainda ser cedo, vi a igreja, a associação que logo mais teria uma reunião (21/08/2022) e o postinho que como sempre estava fechado e segui em frente pela estrada até o que posteriormente falaram que era a “chácara de meu pai”, onde minha mãe já estava esperando com o um café.

**Fotografia 4** - Vista da chegada a comunidade Cantinho.



**Fonte:** Acervo Beatriz Alves, 2022.

#### 4.3 POPULAÇÃO, MORADIA E RENDA

Através de uma pesquisa realizada pelo Núcleo de Estudos e Pesquisa em Etnicidade e Cultura (NEPEC)<sup>24</sup>, na comunidade quilombola do Cantinho, com o objetivo de realizar um censo nas comunidades quilombolas do município de Serra Branca. Sendo aplicado o questionário com um membro da unidade familiar, as perguntas abordaram 6 eixos temáticos como: Perfil unifamiliar, Saúde, Território e meio ambiente, Trabalho e renda, Moradia e segurança alimentar, Organização sociopolítica e Educação. Com isso, podemos encontrar as seguintes informações.

No Cantinho, há 37 famílias, totalizando 93 pessoas, tendo uma média de 3 pessoas por unidade familiar. Deste total, 48 são homens e 45 são mulheres. Dos 93 moradores só foi informado a idade de 87, não foram informados ou não sabiam as idades de 6 moradores, sendo destes, 11 membros entre 0 a 10 anos; 8 membros entre 11 a 18 anos; 7 membros entre 19 a 24 anos; 11 membros entre 25 a 34 anos; 13 membros entre 35 a 44 anos; 13 membros entre 45 a 54 anos; 12 membros entre 55 a 64 anos; 7 membros entre 65 a 74 anos; 3 membros entre 75 a 84 anos; 1 membro entre 85 a 94 anos e 1 membro entre 95 a 100 anos. Em relação a

---

<sup>24</sup> Pesquisa coordenada pelo Prof<sup>o</sup> Dr Wallace G. Ferreira de Sousa e aplicada pelos alunos Gleicilene da Silva Siqueira, Josiel Ventura Alves, Valcir Neves de Sousa, Vinicius Matheus dos Santos Farias, José Mayck Mendes Ramos, Beatriz da Silva Alves e Maria Hualas de Farias Silva. A pesquisa tem por objetivo realizar um censo específico das comunidades quilombolas localizados no município de Serra Branca, sendo elas Cantinho, Lagoinha e Ligeiro de Baixo.

caracterização étnico-racial foi informado a de 91 moradores, 8 se identificam como brancos, 64 como negros e 19 como pardos.

Em relação a moradia dos integrantes do cantinho, foi informado que 33 estão em Moradia própria, 2 em Moradia cedida e 2 em Moradia alugada, não há saneamento básico na comunidade e as residências não têm água encanada, a água vem de poços artesianos, sendo armazenada em baldes, tonéis ou/e cisternas de programas do poder público.

As famílias residentes da comunidade utilizam da terra como sua principal renda, usando da agricultura de subsistência, com o plantio de feijão e milho e a criação de animais como os caprinos, bovinos, suínos e galinhas.

**Fotografia 5 - Plantação de milho, feijão e criação de caprinos.**



**Fonte:** Acervo Beatriz Alves, 2022.

A realizada a gente usa, ela para a agricultura e a criação né, uns cria o bovino, outro cria o o caprino, o alvino né, as mulheres suíno e galinha esse negócio e a gente da agricultura com o tanto para o consumo humano, como para o consumo animal (ZUMBI, 2022).<sup>25</sup>

<sup>25</sup> Entrevista com Zumbi, na comunidade quilombola Cantinho em 28/02/2022.

A comunidade hoje não faz uso do trabalho coletivo da terra, como há exemplo de uma horta coletiva, voltada para o sustento da comunidade, como relatou uma das moradoras: “Não, acho que é todo mundo, faz suas coisas individuais” (DANDARA, 2022).<sup>26</sup> Muitos complementam sua renda com as aposentadorias e o trabalho de alguns de seus membros em atividades fora da comunidade, como por exemplo: servente de pedreiro, serviços domésticos e atividades comerciais no município de Serra Branca.

Antigamente na comunidade havia as louceiras que faziam as tradicionais louças de barro, mas hoje em dia todas as louceiras da comunidade já faleceram, bem como as parteiras que também já faleceram. Há também moradores da comunidade que fazem crochê, como a exemplo de seu Gercino, mas a comunidade não tem um projeto/trabalho voltado para o artesanato.

**Fotografia 6** - Artesanato: Louça de barro e Crochê.



**Fonte:** Acervo Beatriz Alves, 2022.

#### 4.4 SAÚDE, ESCOLA, ASSOCIAÇÃO E IGREJA

A saúde básica para os moradores é disponibilizada pelo poder público através das unidades básicas e do Hospital público do município de Serra Branca. Na comunidade há uma unidade básica de saúde (Foto 7), mas que não tem o atendimento regular, chegando a ficar até dois meses ou mais sem ter atendimento médico na comunidade. Quando necessário os moradores têm que se deslocar para o município para serem atendidos por um médico.

A agente de saúde que atua na comunidade é moradora do quilombo e de outras 5 comunidades da região, em torno do quilombo. A agente também faz o agendamento das

---

<sup>26</sup> Entrevista com Dandara, na comunidade quilombola Cantinho em 28/02/2022.

consultas e acompanha o médico nas visitas aos pacientes idosos e aos que não podem estar se deslocando para o município.

**Fotografia 7** - Unidade Básica de Saúde ESF II – Cantinho.



**Fonte:** Acervo Beatriz Alves, 2022.

Em entrevista com os moradores foi relatado que foi prometido pelos gestores a implementação de consultas odontológicas na comunidade, o que não foi cumprido. “O que falta é eles botaram dizendo que era para ter um consultório odontológico, mas só ficou na promessa que nunca montaram aqui, ai ainda falta isso” (DANDARA, 2022).

A antiga escola da comunidade, de nome Escola Severino Anastacio, foi fundada no ano de 1982, tinha o que na época era conhecido como o primeiro grau, ou seja, o ensino fundamental I, até a 4ª série e a partir da 5ª série era necessário o deslocamento para o município. A escola teve cerca de 5 ou 6 professores, dos quais apenas uma era moradora da comunidade e os outros eram de comunidades vizinhas ou moradores do município. A escola foi fechada há cerca de 20 anos em um corte de gastos do município.

Atualmente para estudar, as crianças de cinco anos ou mais, tem que se deslocar da comunidade para Serra Branca, em um transporte fornecido pelo município, tendo que sair de casa até uma hora antes do início das aulas, pois o ônibus vem buscando os alunos de cinco comunidades rurais pelas redondezas e a volta é realizada da mesma forma, as crianças chegam em casa uma hora depois do fim das aulas. Como relata uma das moradoras:

(...) acho que a principal a dificuldade é só em relação, que como fechou as escolas das comunidades rurais, é as crianças se deslocar daqui para ir para a cidade, eu acho que a dificuldade agora é essa porque se tivesse como antigamente, que eu cheguei a estudar aqui que era na porta de casa, era bom demais, acho que a dificuldade maior é essa, porque dos alunos se deslocar daqui para Serra Branca (DANDARA, 2022).

A dificuldade para as crianças da comunidade, também reflete nos pais que muitas vezes tem que acompanhar seus filhos até o município de Serra Branca, para que seus filhos não se desloquem sem a tutela dos responsáveis, sendo obrigados a ficar pelo centro da cidade a espera do fim das aulas para retornar para suas casas.

### Fotografia 8 - Associação da comunidade.



Fonte: Acervo Beatriz Alves, 2022.

Com o fechamento da escola da comunidade, o prédio que era do município foi doado à comunidade pelo então prefeito, Eduardo Torreão, para ser o espaço da associação. Onde é realizado uma vez por mês, as reuniões da associação que comportam cinco comunidades: Pereiro, Jureminha, Poção, Jacobina, alguns sócios de Serra Branca e o Quilombo Cantinho, pelo atual líder da associação, Rildo. O líder e o vice da Associação são moradores do Cantinho. No prédio também é realizado reuniões voltadas só para assuntos da comunidade quilombola que tem como líder Seu Severino.

A história da construção da capela do quilombo, faz parte da história de Dona Maria José Anastácio de Brito, que relatou em entrevista ao historiador Zezito, que a capela surge devido a uma promessa realizada por Dona Maria, que ao ficar muito doente, devido a uma mordida de um cachorro, como ela retratou:

Devido uma promessa que eu fiz, porque um cachorro me ofendeu, ai eu fiquei muito doente, ai fiz uma promessa, que se eu não enlouquecesse por causa do cachorro, eu mandava fazer uma capelinha aqui. (MARIA JOSÉ, 2010).

Dona Maria, fala que todos da comunidade ajudaram na construção da capela. Antes do término da construção, enquanto a capela ainda não tinha as tenhas, foi realizada a primeira missa na capela no ano de 1996. Dona Maria, ainda relata que a capela foi nomeada pelo então padre da região que era Padre Tarcísio, e que sendo o padroeiro da comunidade São João Batista, a capela também levaria esse nome, assim como a própria comunidade.

**Fotografia 9 - Igreja Católica de São João Batista.**



**Fonte:** Acervo Beatriz Alves, 2022.

Ao lado da Igreja, tem um salão, que é um espaço coletivo da comunidade, onde são realizados alguns eventos como por exemplo: eventos quilombolas, forrós, a festa do padroeiro da comunidade, dia das crianças, etc. Inclusive foi comemorado o terceiro aniversário de titulação quilombola da comunidade, nesse espaço.

## 5 GRUPOS ÉTNICOS E TERRITÓRIO

### 5.1 GRUPOS ÉTNICOS

Segundo Barth (1998), os antropólogos sociais evitaram a abordagem dos grupos étnicos ao usar o termo englobante de “sociedade”, evitando analisar os grupos e unidades menores, deixando intactas as importantes questões que são levantadas por tal análise, a exemplo da visão simplista de que o isolamento geográfico e social são fatores críticos para a sustentação da diversidade cultural.

Barth aborda quatro características, para a formação dos grupos étnicos.

O termo grupo étnico, na bibliografia antropológica, é geralmente entendido (cf. Narrol, 1964) para designar uma população que:

- 1 perpetua-se biologicamente de modo amplo,
- 2 compartilha valores culturais fundamentais, realizados em patentes unidades nas formas culturais,
- 3 constitui um campo de comunicação e de interação,
- 4 possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo. (BARTH, 1998, pág. 189-190)

Ao retratar essas características, Barth (1998), afirma que essa definição não é diferente da proposição que define que uma raça = uma cultura = uma linhagem e que uma sociedade = uma entidade que rejeita e discrimina outras. Essa definição pode impedir que seja entendido o fenômeno dos grupos étnicos e o seu lugar na sociedade e na cultura humana, pois ela foge de todos os problemas e idealiza um modelo, induzindo a manter fronteiras étnicas e o isolamento desses grupos étnicos.

As fronteiras sociais, podem ter contrapartidas territoriais. Se um grupo mantém a sua identidade, mesmo interagindo com outros grupos, isso implica critérios que determinam a pertença e a exclusão. Os grupos étnicos não são necessariamente baseados na ocupação de territórios exclusivos; e os diferentes modos pelos quais eles conservam, não só pelos meios de um recrutamento definitivo, mas por uma expressão, validação contínua e analisada.

A fronteira étnica canaliza a vida social, ela abrange uma organização muito complexa das relações sociais e comportamentais. A identificação de outra pessoa como pertencente a um grupo étnico implica compartilhamento de critérios de avaliação e julgamento (BARTH, 1998, pág. 196). Uma divisão de membros de outros grupos étnicos, implica que reconheçam limitações na compreensão comum, ou seja, diferenças em critérios de julgamento, de valor e ação. Isso torna possível a compreensão de uma forma final de manutenção das fronteiras,

através da qual as unidades e os limites culturais persistem, isso inclui o contato social com pessoas de culturas diferentes.

Os grupos étnicos são vistos como uma forma de organização social, sendo um traço fundamental a quarta característica que foi citado acima, a auto-atribuição ou a atribuição por outros grupos que estão daquela categoria étnica.

(...)Uma atribuição categórica é uma atribuição étnica quando classifica uma pessoa em termos de sua identidade básica mais geral, presumivelmente por sua origem e seu meio ambiente. Na medida em que os atores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmo e outros, com objetivo de interação, eles formam grupos étnicos neste sentido organizacional (BARTH, 1998, pág. 193-194).

Mesmo que as categorias étnicas considerem as diferenças culturais, não é possível separar de um para um entre as unidades étnicas, as características que são levadas em consideração não são as somas das diferenças, mas sim aquelas que os próprios integrantes do grupo consideram significativas.

(...) O conteúdo cultural das dicotomias étnicas parecem ser analiticamente de duas ordens: 1. Sinais ou signos manifestos – os traços diacríticos que as pessoas procuram e exibem para demonstrar sua identidade, tais como vestuário, a língua, a moradia, ou o estilo geral de vida; e 2. orientações de valores fundamentais – os padrões de moralidade e excelência pelos quais as ações são julgadas (BARTH, 1998, pág. 194).

Desde que se pertence àquela categoria étnica, implica ser um certo tipo de pessoa que tem aquela identidade, sendo igualmente reconhecido, julgado e de se julgar de acordo com os padrões que são relevantes para aquela identidade. Não há como prever quais traços vão ser considerados relevantes para determinado grupo étnico. Tais categorias podem ter grande importância para o comportamento, mas não precisam ser, elas permeiam a vida social ou podem ser relevantes apenas para aquele grupo.

Segundo Barth (1998), a ênfase na atribuição como traço fundamental dos grupos étnicos resolve também duas dificuldades conceituais; primeiro quando se define um grupo étnico como atributivo e exclusivo, a necessidade de se manter uma fronteira, os traços culturais que demarcam a fronteira podem mudar, assim como as características culturais de seus membros podem se transformar. Com essa contínua divisão de membros e não membros é possível especificar e investigar a natureza dessa transformação cultural, segundo apenas os fatores socialmente relevantes são diagnosticados como pertencentes e não as diferenças “objetivas” que são geradas por outros fatores.

Pouco importa quão dessemelhantes possam ser os membros em seus comportamentos manifestos – se eles dizem que são A, em oposição a outra categoria B da mesma ordem, eles estão querendo ser tratados e querem ver seus comportamentos serem interpretados e julgados como de As e não de Bs; melhor dizendo, eles declaram sua sujeição à cultura compartilhada pelos As (BARTH, 1998, pág. 195).

Quando um grupo ou indivíduo se auto-identifica como pertencente a um determinado grupo étnico, ele quer ser tratado, respeitado e ter seus direitos garantidos como pertencente àquela categoria étnica, ou seja, uma comunidade quilombola quer ser tratada como tal.

## 5.2 TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE

Segundo Haesbaert (2007), o território abrange desde sua origem um duplo significado, que seria, um material e o outro simbólico. Ele também retrata sobre os conceitos de território e territorialidade, os distinguindo da seguinte forma.

Segundo Haesbaert (2007), o território, em qualquer entendimento, tem relação com poder, não só o poder tradicional, mas também o “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido Território e Multiterritorialidade: Um Debate mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação. (HAESBAERT, 2007, pág. 20-21) A apropriação tendo um valor mais simbólico, relacionado ao uso/vivência e a dominação tendo um valor vinculado à troca.

Segundo Haesbaert (2007), a territorialidade engloba uma dimensão voltada para a política, mas não só ela, também abrangendo as relações econômicas e culturais, estando ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra e organizam o espaço e seu significado. Sendo também uma dimensão imaterial, enquanto "imagem" ou símbolo de um território, podendo ser inserida como um estratégia político-cultural, como a exemplo da "Terra Prometida" dos judeus, territorialidade que os acompanhou e impulsionou através dos tempos, ainda que não houvesse, concretamente, uma construção territorial correspondente. (HAESBAERT, 2007, pág. 25)

Portanto, todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois as relações de poder têm no espaço um componente indissociável tanto na realização de "funções" quanto na produção de "significados". O território é "funcional" a começar pelo seu papel enquanto recurso, desde sua relação com os chamados "recursos naturais" - "matérias-primas" que variam em importância de acordo com o(s) modelo(s) de sociedade(s) vigente(s) - como é o caso do petróleo no atual modelo energético dominante (HAESBAERT, 2007, pág. 23).

Haesbaert (2007), retrata dois “tipos ideais” ou referências as quais se pode investigar acerca do território, uma sendo mais funcional e a outra mais simbólica. Esses “tipos ideais”, não se manifestam em seu estado puro, pois todo território funcional tem uma carga simbólica e todo território simbólico tem sua carga funcional, por mínima que seja.

Como a exemplo os territórios das comunidades quilombolas que retratam esses dois tipos ideais, sendo um recurso funcional, pois tem um papel fundamental na sobrevivência e fonte de renda dos moradores da comunidade e tendo um papel simbólico tanto pela formação da comunidade pertencente àquele território, quanto pela representação dos moradores que habitam essa comunidade.

### 5.3 TERRA: SIGNIFICADO E MEMÓRIA

Para a formação de um grupo étnico é referenciado por Barth (1998), a auto-identidade, sendo de suma importância que os próprios integrantes, se consideram parte dessa comunidade e por meio do censo que foi realizado pelo NEPEC, foi constatado que das 37 respostas, que coincidem com os grupos familiares, desses, 35 se autodenominam como pertencentes ao grupo étnico da comunidade quilombola.

Além da autoidentificação podemos perceber a importância do território para os moradores da comunidade quilombola Cantinho, constatando isso através das entrevistas e conversas em reuniões e nas portas das casas. Sendo comentado pelos moradores desde a importância simbólica e afetiva que a comunidade traz em sua história, quanto a funcional, sendo a fonte de renda dos moradores.

Como podemos perceber, através dos relatos dos entrevistados, a tranquilidade e como é falado sobre morar na comunidade. “Ai eu gosto demais de mora no sítio, a eu acho bom demais, é tranquilo só a paz que a pessoa tem não é te aquele barulho que tem na rua já é tudo, é muito bom eu mesmo gosto” (DANDARA, 2022). Também é relatado a importância que a terra tem para seus moradores, além do sossego.

A terra pra mim é muito importante, amo o sossego do sítio, amo como a gente cuida dos animais, da plantação, amo plantar, é, tem uma importância muito significativa para mim, no plantio do milho, do feijão, do dia a dia, do cultivar, do criar, do plantar, eu gosto (SABINA, 2022).<sup>27</sup>

Quando falamos com os moradores é visível a importância da terra da comunidade para seus integrantes, para a sobrevivência e cultivo, além dessa importância, ao se falar na terra é motivo de uma lembrança dolorosa da crueldade e injustiça que alguns antigos moradores sofreram.

Alguns moradores relataram que as terras da comunidade eram maiores antigamente, havendo uma parte pertencente a seu José que era conhecido por seu apelido, Zé da Cunha.

---

<sup>27</sup> Entrevista com Sabina, na comunidade quilombola Cantinho em 28/02/2022.

Nessa época um antigo fazendeiro dessa região chamado Honorato Brandão, teria se incomodado que os moradores da comunidade tinham essas terras, alegando que: “ele diz que os negros tinha muita terra, aí disse que ia tomar a a metade como de fato se apossou-se” (ZUMBI, 2023).

Honorato, teria ido até as terras de seu Zé da Cunha e mandado que ele saísse das terras, seu Zé, se recusou a sair de sua própria propriedade. Com isso, “o fazendeiro chegou em, a cavalo com os capangas” (ZUMBI, 2023). Em uma época que a palavra de um fazendo era a lei, foi usado da violência para a tomada dessas terras.

O senhor Pedro Severino nos relata também que nesse íterim um de seus tios fora expulso dessa terra por um grande fazendeiro chamado Honorato Brandão, que tomara suas terras e mandara prendê-lo com a justificativa de que ele estava em terras pertencentes a Honorato (SANTOS, 2018, pág. 10).

Com a palavra de Honorato, seus capangas retiraram os moradores de dentro das casas e derrubaram as moradias como é relatado por um dos moradores. “Honorato Brandão tomou as terras deles, derrubou as casas e levou eles presos para São João do Cariri, inclusive tinha até uma mulher gestante que foi algemada para São João” (GANGA, 2023).<sup>28</sup>

Foram três famílias acusadas de invadir as terras, totalizando 8 moradores, destes, 7 foram levados por Honorato e seus capanga, havendo uma mulher grávida e crianças dentro das residências que pertenciam “uma de ti José, uma do filho de ti José, chamado Eliziano e a outra do outro filho, que era casado com uma, uma irmã do marido de Data, Alaíde.” (ZUMBI, 2023)

Essas famílias foram levadas de onde hoje é a comunidade Quilombola Cantinho para São João do Cariri, sendo levados cerca de 31 km, andando até a delegacia.

Ai derrubaram as 3 casas e levaram o pessoal preso foram tangendo eles a cavalo e o pessoal de pé, daqui para a delegacia de São João, que nesse tempo Serra Branca não era cidade, né e a delegacia em São João, que era município de São João. (ZUMBI, 2023)

Já Honorato Brandão ficou como dono das terras que ele tomou com a alegação “Que as terras era dele, tinha, tinha construído dentro da terra dele e ficou com as terras até hoje, até hoje não que ele já vendeu pra outros já é outros donos” (GANGA, 2023).

---

<sup>28</sup> Entrevista com Ganga, na comunidade quilombola Cantinho em 28/02/2022

**Fotografia 10** - Tijolos das casas que foram derrubadas.



**Fonte:** Acervo Beatriz Alves, 2023.

Hoje ainda é possível ver os tijolos das casas que foram derrubadas, restando só esse vestígio das famílias que ali habitavam. Depois do ocorrido, o seu Zé da Cunha e sua família não voltaram, nem para a comunidade, nem para o município de Serra Branca, indo residir no município de Água Branca no estado de Paraíba. Havendo, hoje apenas um dos 8 residentes, vivo, “Ai desse pessoal que foram e de filho de ti José, só tem uma viva, em Água Branca, em Água Branca, Ela tem 97 anos ela vai completar esse ano, 97 é 97, ela ainda tá viva” (ZUMBI, 2023).

## 6 PARENTESCO

“Minha herança, são meus pertencimentos, minha ancestralidade, ainda subjulgada, mas em mim sobrevivente, por minha consciência negra, sou resiliente.”

Eli Odara Theodoro<sup>29</sup>

### 6.1 ESTUDO DO PARENTESCO: FAMÍLIA E PARENTESCO

Segundo Santos (2006), o estudo do parentesco é uma chave indispensável para a compreensão das sociedades que são estudadas. As relações de parentesco estão relacionadas a todos os aspectos da vida social, como a economia, a religião, a política, etc; sobrepondo a organização geral de muitas sociedades. As mais antigas referências ao estudo do parentesco e do segundo decénio do século XIX, abordando as questões das origens e do desenvolvimento social e cultural segundo a teoria do desenvolvimento sociológico.

Muitos autores contribuíram para os estudos do parentesco como para Radcliffe-Brown que para compreender a vida social de uma população é essencial um conhecimento aprofundado da organização familiar e matrimonial; McLennan que defendem a origem matriarcal do sistema social ou os que defendem a origem patriarcal como Henry Maine; Fox que afirma que o estudo do parentesco mostra os aspectos que nos diferenciam dos animais ou Lewis Morgan que se refere ao parentesco e ao casamento como os fatos sociais essenciais para o desenvolvimento de uma análise científica e que foi um dos primeiros a debruçar-se sistematicamente sobre a questão das terminologias de parentes, que propôs uma tipologia dos sistemas de parentesco e organização social, que foi completada e afinada por G. P. Murdoch (1949). Tendo assim, um amplo leque de estudos, teorias e diferenciações de família e organização social.

Mas o que significa família, parente e qual a sua diferença? Quando pesquisamos no dicionário obtemos a seguinte definição: família é “grupo de pessoas que partilha ou que já partilhou a mesma casa, normalmente estas pessoas possuem relações entre si de parentesco, de ancestralidade ou de afetividade e pessoas cujas relações foram estabelecidas pelo casamento, por filiação ou pelo processo de adoção.” (DICIONÁRIO, 2023). Do mesmo modo temos que a definição de parentes é uma pessoa descendente de um ancestral comum e pessoa ligada a outra por laços de consanguinidade ou de aliança, segundo o dicionário (2023).

---

<sup>29</sup> Pensador. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTQyOTUwMA/>.

“Dentre estas muitas formas de significar tais conceitos, a família, pode ser compreendida como um agrupamento social concreto, cujos sujeitos se acham vinculados por laços de parentesco” (BARRIO, 2005 *apud* SOUZA, 2014, pág. 97). Segundo Souza (2014), os termos família e parentesco não são a mesma coisa, mesmo as duas retratando aspectos básicos da vida como o nascimento, a reprodução e a morte, o primeiro retrata um grupo social concreto e o segundo uma estrutura formal.

O termo parentesco é usado para se referir a parentes mais distantes ou aqueles que não temos uma relação próxima, e nos referimos como “ele ainda é parente”, ou seja, tem uma ligação sanguínea, já o termo família é usado para se referir ao mais próximos como por exemplo o pai, a mãe, irmãos, filhos, etc. Os dois termos às vezes se confundem, tendo vários sentidos e são pouco específicos no uso corrente da língua.

(...) o termo parentesco utilizado para falar indiferentemente dos nossos parentes muito próximos, como pais etc., ou referir também o conjunto dos parentes muito afastados e inclusivamente os ancestrais não contemporâneos do locutor (como bisavós falecidos, trisavós). Do mesmo modo, a mera utilização do termo família, sem outra precisão, não informa imediatamente e com precisão quem são os indivíduos incluídos nesta categoria. (SANTOS, 2006, pág. 28)

Segundo Santos (2006), o sentido que usamos para os termos não é o mesmo usado pelos antropólogos e nem tem um sentido universal, tendo vários sentidos, mas caracteriza as relações entre os indivíduos que têm uma ascendência comum, real, suposta ou fictícia e em certas modalidades de afinidade. Diferenciando o parentesco biológico e o social, a filiação diz unicamente ao seu ordenamento de grupos sociais e não tem a ver com reconhecimento de laços biológicos.

O estudo do parentesco corresponde ao estudo das relações de que unem os indivíduos mediante laços de consanguinidade real ou fictícia, enquanto relações socialmente reconhecidas, incluindo as relações de afinidade, derivadas das relações de casamento.

Santos (2006), retrata os símbolos de cada indivíduo ao ser usado nos diagramas, sendo eles: um triângulo para o indivíduo do sexo masculino, um círculo para o indivíduo do sexo feminino, um quadrado para o indivíduo de sexo indiferente e quando esses símbolos são acompanhados de um sinal positivo significa que são primogênito/irmão(ã)/filho(a) mais velho, já se forem acompanhados de um sinal negativo são irmão(ã)/filho(a) mais novos.

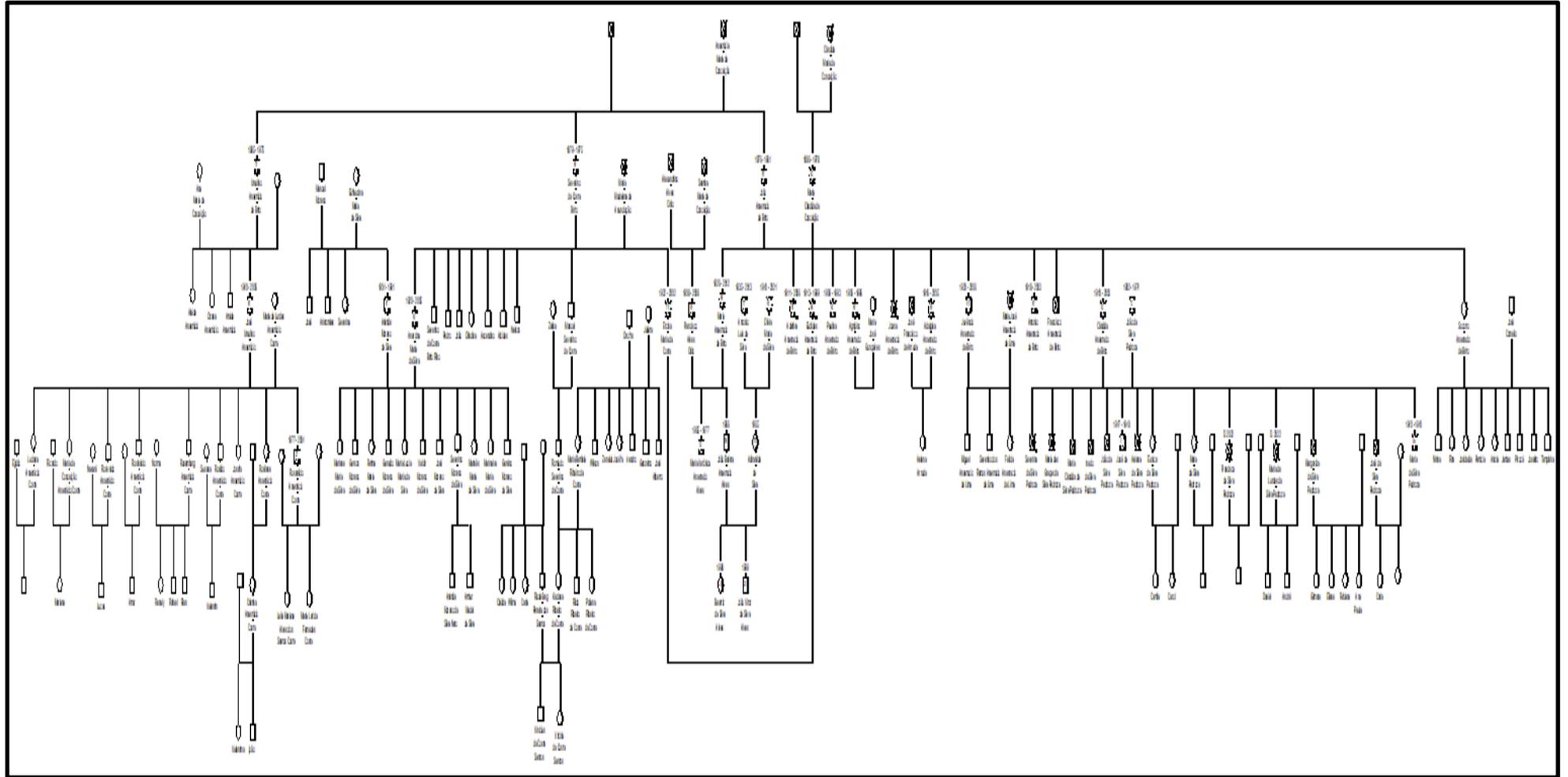
## 6.2 PARENTESCO DOS MORADORES DO QUILOMBO CANTINHO

A partir das idas à comunidade e das entrevistas semiestruturadas, realizadas com alguns dos moradores e conversas corriqueiras na porta “da casa” dos moradores, pude construir uma árvore genealógica da principal família, citada pelos integrantes do quilombo, a família Anastácio. Além de buscar informações complementares, como os registros de óbito, no site FamilySearch, nesse site é possível encontrar registros civis, como: Registro de nascimento e de óbito e registros religiosos como: de casamento e de batismo, além de construir sua própria árvore genealógica. Dessa forma, pude encontrar informações que os moradores não se lembraram ou não sabiam.

Através dos registros de óbito, pude encontrar referência ao nome de uma das moradoras mais antigas, citadas pelos integrantes da comunidade, Anastácia e a partir das memórias o nome de Cândida, que fazem parte da primeira geração da linhagem familiar da comunidade e que já foram supracitadas, elas são mencionadas por seu Wilson, que relata a vinda delas para essa região, que enquanto mulheres negras foram escravizadas e estavam fugindo da escravidão do Rio Grande do Sul. O nome de Anastácia consta no registro de óbito de seu filho de nome: Severino da Costa Brito (Anexo 3) e Cândida é mencionada pela memória dos moradores que seria a mãe de Maria Cândida da Conceição.

Os diagramas foram elaborados através do aplicativo GenoPro, que tem por objetivo a criação de árvores genealógicas. Nos diagramas aqui referenciados, não se segue o modelo citado por Armindo dos Santos, pois o app não forneceu os símbolos necessários, ficando referenciados da seguinte forma: um quadrado para os indivíduos do sexo masculino, um círculo para os indivíduos do sexo feminino e os falecidos com um X em seus símbolos.

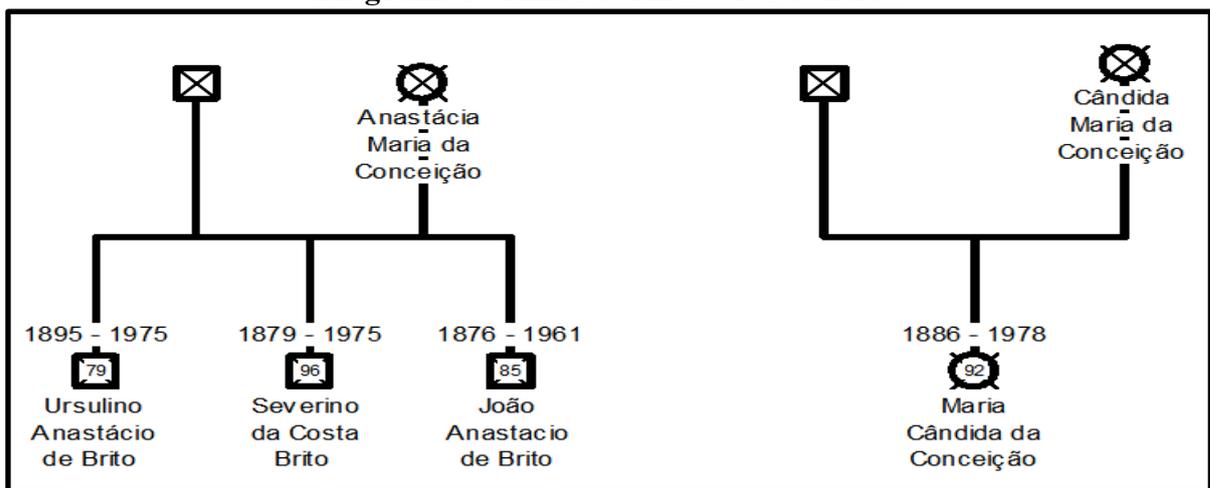
Diagrama 2 - Árvore genealógica da família Anastácio.



Fonte: Autoria Própria, 2023.

A partir das duas moradoras, pude mapear seis gerações de descendentes que hoje são os moradores da comunidade quilombola Cantinho. De acordo com os relatos, Seu Wilson não conheceu Cândida, mas chegou a conhecer Anastácia e os filhos dela, “a mãe de meu pai eu não alcancei ela, mas essa Anastasia, eu alcancei ela demais, sabe quantos filhos ela teve? Ela teve 16 filhos.” (WILSON, 2010). Desses 16 filhos citados por seu Wilson encontrei registros de óbitos de 3 deles que são Ursulino Anastácio de Brito, Severino da Costa Brito e João Anastácio de Brito. Sobre os filhos de Cândida, seu Wilson relata que: “Minha vó só teve três filhos: meu pai, uma irmã e uma irmã” (WILSON, 2010).

**Diagrama 3 - Filhos de Anastácia e Cândida.**

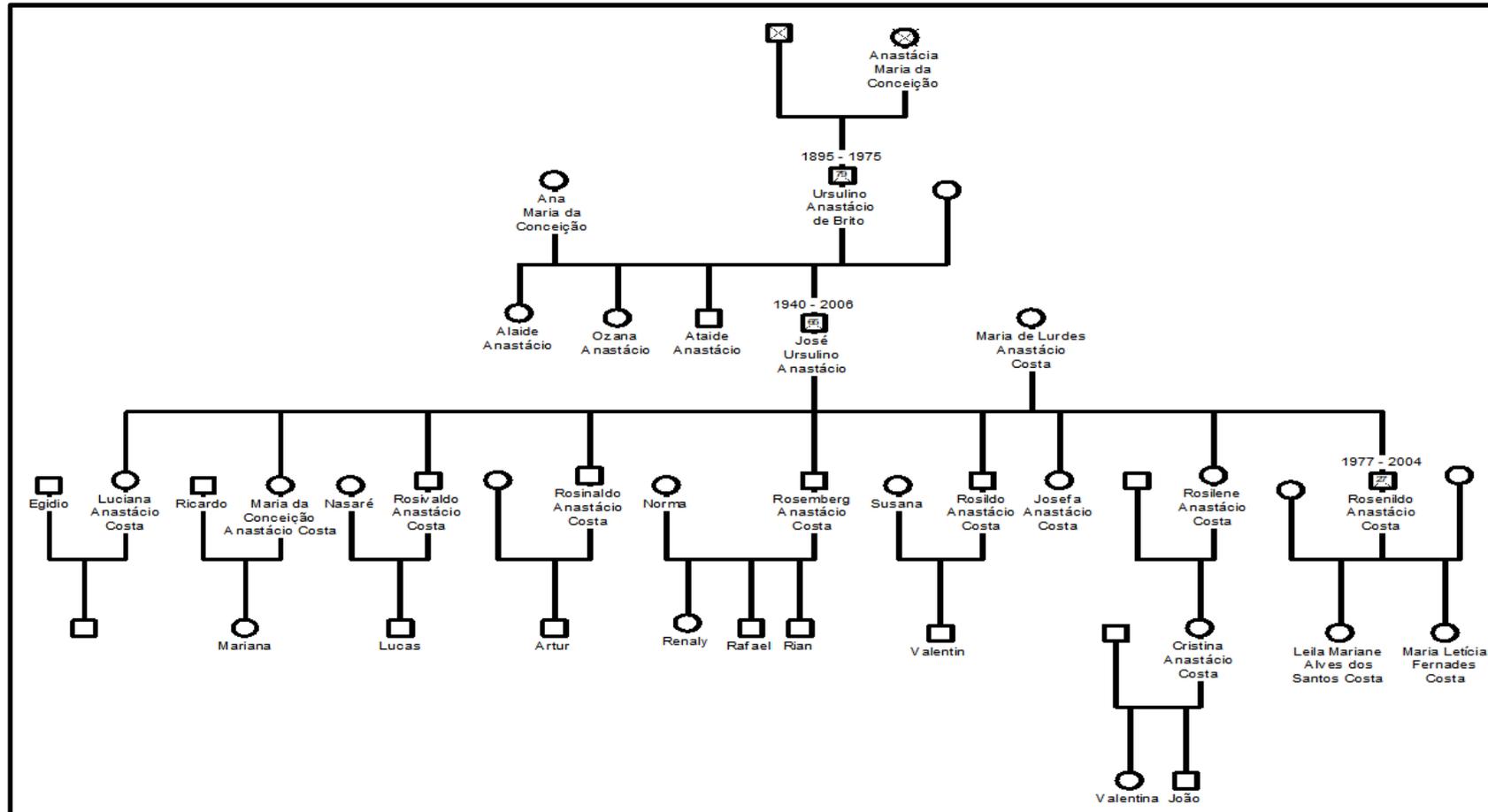


Fonte: Autoria Própria, 2023.

Nos registros de óbito contém tanto a data de nascimento, quanto a data de óbitos e com isso podemos verificar que os filhos de Anastácia, João Anastácio de Brito que nasceu em 1876 (Anexo 4) e Severino da Costa Brito que nasceu em 1879 e a filha de Cândida, Maria Cândida da Conceição que nasceu em 1886 (Anexo 5), nasceram na época que estava em vigor a Lei do Ventre Livre. Lei essa que entrou em vigor em 28 de setembro de 1871, que determinou que os filhos de pessoas escravizadas, nascidas a partir dessa data seriam considerados livres. Já o terceiro filho de Anastácia, Ursulino Anastácio de Brito nasceu em 1895 (Anexo 6), depois da abolição da escravidão, que entrou em vigor com a Lei Áurea em 13 de maio de 1888.

Os quatro formam a segunda geração mapeada da comunidade quilombola Cantinho. A partir deles podemos verificar a formação de três das linhagens familiares, chegando até então à sexta geração. A primeira linhagem familiar que irei abordar será a de Seu Ursulino Anastácio de Brito.

Diagrama 4 - Linhagem familiar de Ursulino Anastácio de Brito.



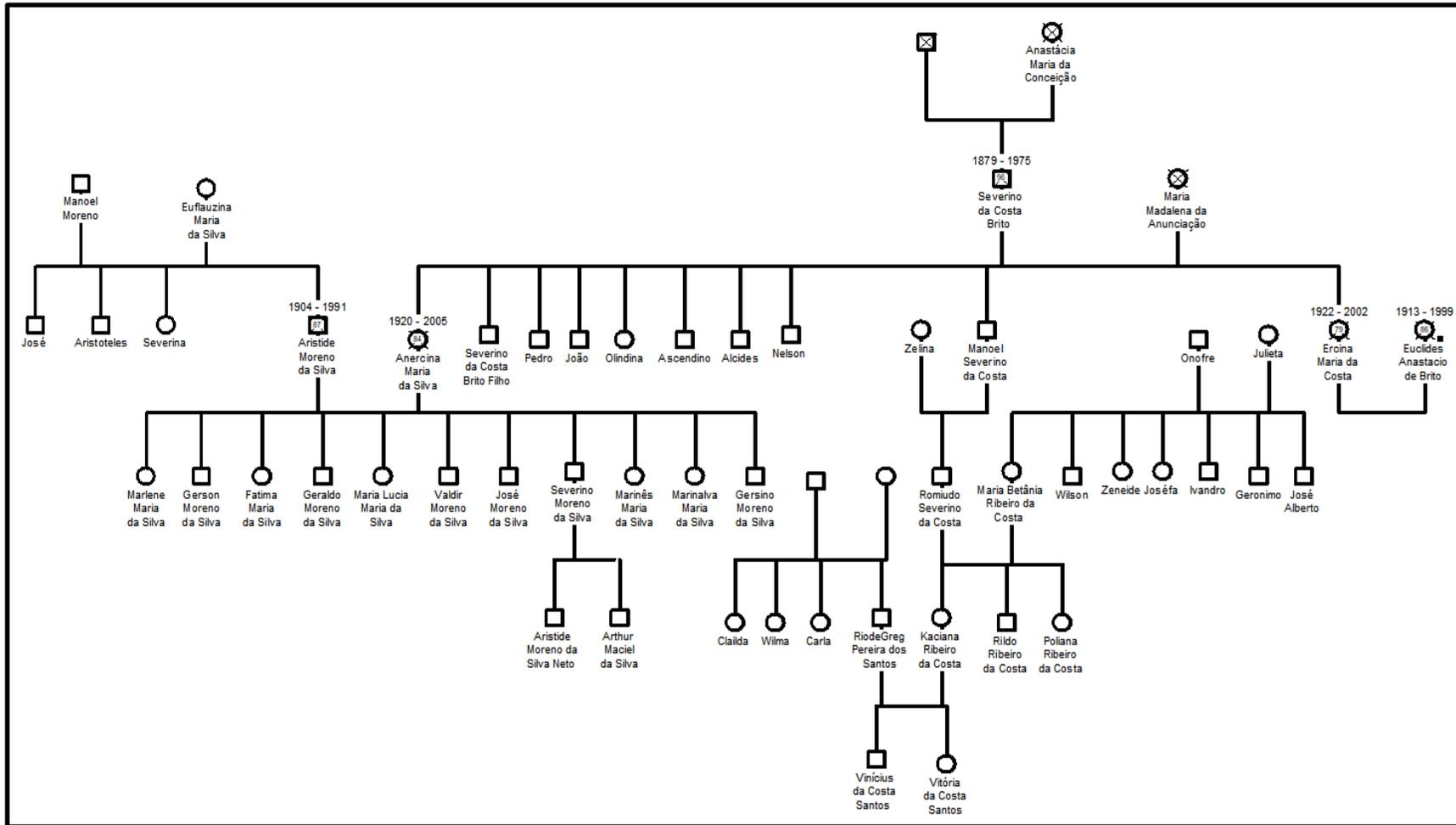
Fonte: Autoria Própria, 2023.

De acordo com seu registro de óbito, Seu Ursulino, se casou duas vezes, não sendo registrado o nome de sua primeira esposa, e seu segundo casamento foi com Dona Ana Maria da Conceição e tiveram quatro filhos de nome: Alaide Anastácio, Ozana Anastácio, Ataide Anastácio e José Ursulino Anastácio. Dos quatro, só encontrei o registro de óbito de José Ursulino Anastácio que se casou com Dona Maria de Lourdes Anastácio Costa e tiveram nove filhos: Rosenildo, Rosilene, Josefa, Rosildo, Rosemberg, Rosinaldo, Rosivaldo, Maria da Conceição e Luciana. Desses, oito tiveram filhos.

O primeiro, Rosenildo Anastácio da Costa teve duas filhas: Leila e Maria. A segunda, Rosilene Anastácio da Costa teve uma filha: Cristina, que teve dois filhos, Valentina e João. O terceiro, Rosildo Anastácio da Costa se casou com Susana e tiveram Valentim. O quarto, Rosemberg Anastácio da Costa que se casou com Norma e tiveram três filhos: Renaly, Rafael e Rian. O quinto, Rosinaldo Anastácio da Costa que teve um filho, Arthur. O sexto, Rosinaldo Anastácio da Costa que se casou com Nazaré e teve um filho, Lucas. A sétima, Maria da Conceição Anastácio da Costa que se casou com Ricardo e teve uma filha, Mariana. E a oitava, Luciana Anastácio da Costa que se casou com Egídio e teve um filho.

A segunda linhagem familiar da comunidade foi formada por seu Severino da Costa Brito.

Diagrama 5 - Linhagem familiar de Severino da Costa Brito.



Fonte: Autoria Própria, 2023.

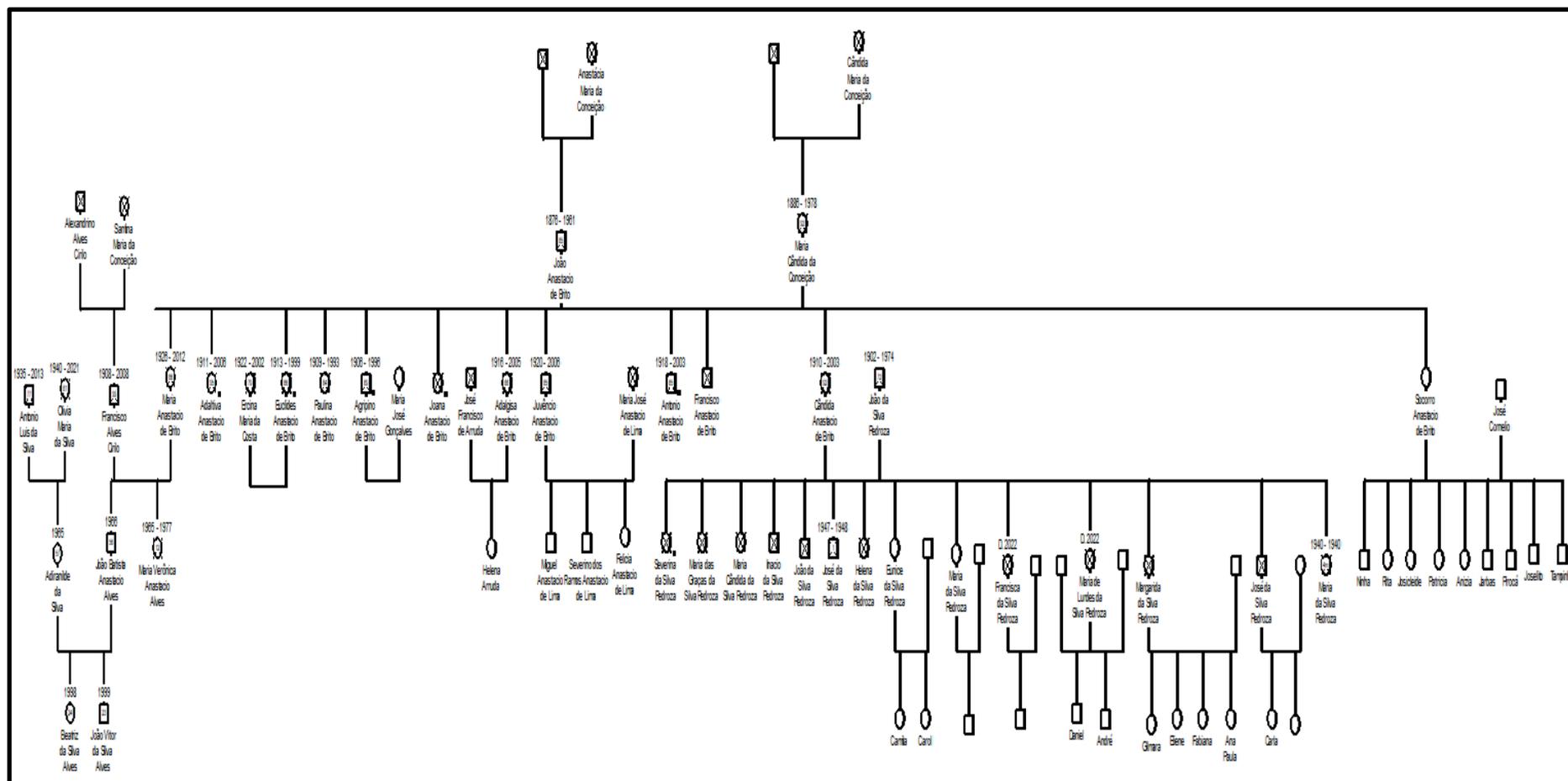
De acordo com seu registro de óbito seu Severino se casou com dona Maria Madalena da Anunciação e tiveram dez filhos, que compõem a terceira linhagem dessa família, seus nomes são: Anercina, Severino, Pedro, João, Olindina, Ascendino, Alcides, Nelson, Manuel e Ercina que se casou com Euclides Anastácio de Brito, que pertence a terceira linhagem que compõem os moradores da comunidade.

De seus filhos, só encontrei registros de dois deles, o primeiro seu Manuel Severino da Costa que se casou com dona Zelina e tiveram Romildo Severino da Costa que se casou com Maria Betânia Ribeiro da Costa e tiveram três filhos Poliana, Rildo e Kaciana Ribeiro da costa que se casou com Riodegreg Pereira dos Santos (Não irei discorrer sobre seus pais e irmão, pois não há uma ligação direta com a linhagem apresentada, isso também ocorre no diagrama 6) e tiveram dois filhos Vinícius e Vitória.

A segunda foi a de dona Anercina Maria da Silva que se casou com seu Aristides Moreno da Silva e tiveram onze filhos: Marlene, Gerson, Fátima, Geraldo, Maria, Valdir, José, Marines, Marinalva, Gersino e Severino Morenos da Silva que teve dois filhos de nome Aristide e Arthur.

A terceira linhagem familiar que compõem a comunidade quilombola, foi formada pela junção da linhagem de Anastácia e Cândida, com seus filhos João Anastácio de Brito e Maria Cândida da Conceição.

**Diagrama 6 - Linhagem familiar de João Anastácio de Brito e Maria Cândida da Conceição.**



Fonte: Autoria Própria, 2023.

João Anastácio de Brito e Maria Cândida da Conceição se casaram e tiveram doze filhos de nomes: Adativa, Paulina, Joana, Euclides, Maria, Agripino, Adalgisa, Juvêncio, Antonio, Francisco, Cândida e Socorro. Desses dois se casaram e não tiveram filhos que foram, Agripino Anastácio de Brito que se casou com Maria José Gonçalves e Euclides Anastácio de Brito que se casou com Ercina Maria da Costa como já foi citado.

De acordo com os registros, dos doze, cinco tiveram filhos: o primeiro foi Adalgisa Anastácio de Brito que se casou com José Francisco de Arruda e tiveram Helena Arruda. O segundo Juvêncio Anastácio de Brito que se casou com Maria José Anastácio de Lima e tiveram três filhos: Miguel, Severino e Felicia. A terceira foi Socorro Anastácio de Brito que se casou com José Cornélio e tiveram nove filhos: Rita, Josicleide, Patricia, Anizia, Jarbas, Josivaldo, Joselito, Tampinha e Ninha (os dois últimos são apelidos).

A quarta foi Cândida Anastácio de Brito que se casou com João da Silva Pedrosa e pelos registros de óbito tiveram quatorze filhos: Severina, Inácio, João, Helena, Eunice, Maria, Francisca, Maria de Lourdes, José e José que teria falecido com um ano de idade, Maria da Graças, Maria Cândida e Maria, sendo encontrado o registro de três Marias. Desses, seis tiveram filhos. A primeira foi Eunice da Silva Pedrosa que teve duas filhas: Camila e Carol. A segunda foi Maria da Silva Pedrosa que teve um filho. A terceira foi Francisca da Silva Pedrosa que teve um filho. A quarta foi Maria de Lourdes da Silva Pedrosa, que teve dois filhos: Daniel e Andre. A quinta foi Margarida da Silva Pedrosa que teve quatro filhas: Gilmara, Eliane, Fabiana e Ana Paula. E o sexto foi José da Silva Pedrosa que teve dois filhos, um deles de nome Carla.

A quinta foi Maria Anastácio de Brito que se casou com Francisco Alves Cirilo e tiveram dois filhos Maria Verônica Anastácio Alves e João Batista Anastácio Alves que se casou com Adiranilde da Silva Alves e tiveram dois filhos: Beatriz e João Vitor. Esses são os descendentes de Anastácia e Cândida. Muitos são moradores do quilombo Cantinho e outros se mudaram em busca de melhores condições.

## 7 CONCLUSÕES

Diante de tudo que foi visto até aqui concluo que a minha pesquisa feita dentro da comunidade Quilombola Cantinho, pode findar com as minhas perspectivas diante do questionamento de pertencimento ao quilombo. Quando falamos de comunidades Quilombolas, não estamos falando de uma história única, cada uma dessas comunidades traz uma luta diferente, uma característica diferente. Sendo ela a cultura, o cultivo, a criação, o artesanato, a crença, entre outros, é importante que essas comunidades tenham a chance de serem vistas e ouvidas.

Ao longo da minha pesquisa pude me aproximar dos moradores e percebi que eles se tratam como uma grande família e tem uma relação muito próxima com a terra e com minhas idas a comunidade pode conhecer, não só os moradores como um pouco da história dos meus próprios ancestrais

O Cantinho tem duas características marcantes e as duas foram abordadas neste trabalho, a primeira é o parentesco, uma fala que é repetida por muitos dos moradores é somos todos parentes e a segunda é a terra, o pertencer àquele lugar, o criar e cultivar é a sobrevivência e o lazer dessas pessoas.

Esse trabalho pode contribuir de modo acadêmico para que professores e alunos, tanto das universidades, quanto do ensino médio, para que possam conhecer a comunidade Quilombola do Cantinho e sua história e para os estudiosos do assunto, ter um aporte introdutório sobre uma das três comunidades localizadas no município de Serra Branca. Já para a comunidade em si, o trabalho pode contribuir, dando suporte para que o município conheça o quilombo e suas principais necessidades, auxiliando assim em políticas públicas e melhorias que podem ser realizadas na comunidade.

Com esse trabalho possa trazer visibilidade para a história tanto do município de Serra Branca e seus três quilombos, quanto especificamente para a comunidade Quilombola do Cantinho, revivendo suas memórias, trajetórias e para seus atuais e antigos moradores. Possibilitando, outros trabalhos acadêmicos como TCC, artigos e pesquisa de núcleos de estudos como o NEPEC que realizou o censo na comunidade.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Anna Kelmany da Silva *et al.* **Em Pau d'Arco, muitas flores: memória, território de parentesco e fronteira étnica.** 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/6391>. Acesso em: 23 de setembro de 2022
- ARAÚJO, Egberto. **Na BR412 avistando a Serra do Jatobá e a cidade de Serra Branca – PB.** Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/egbertoaraujo/5107038607/in/photostream/>. Acesso em: 05 de maio de 2022
- AULETE DIGITAL. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/l%C3%A9gua>. Acesso em: 31 de mar. de 2022
- BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas fronteiras. pp.185-227. In: POUTIGNAT, Philippe. STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade.** São Paulo – SP: Ed. UNESP, 1998.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade, lembrança de Velhos.** 2º ed. São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- BRASIL ESCOLA. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-abolicao-escravatura.htm>. Acesso em: 08 de fev. de 2023
- BRASIL ESCOLA. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/quilombo-dos-palmares.htm#Alimenta%C3%A7%C3%A3o+do+Quilombo+dos+Palmares>. Acesso em: 27 de abril de 2022
- BRASIL ESCOLA. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/lei-do-ventre-livre.htm>. Acesso em: 08 de fev. de 2023
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. **Decreto nº 4887, de 20 de novembro de 2003.** Casa Civil. Planalto, Brasília, 20 de novembro de 2003; 182º da Independência e 115º da República. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2003/d4887.htm#:~:text=D4887&text=DECRETO%20N%C2%BA%204.887%2C%20DE%2020,Ato%20das%20Disposi%C3%A7%C3%B5es%20Constitucionais%20Transit%C3%B3rias](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm#:~:text=D4887&text=DECRETO%20N%C2%BA%204.887%2C%20DE%2020,Ato%20das%20Disposi%C3%A7%C3%B5es%20Constitucionais%20Transit%C3%B3rias). Acesso em: 13 de abril de 2022
- BRASIL. **Decreto nº 6261 de 20 de novembro de 2007.** Casa Civil. Planalto, Brasília, 20 de novembro de 2007; 186º da Independência e 119º da República. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6261.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6261.htm). Acesso em: 13 de abril de 2022
- CAVALAR, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008, 2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/cavalari>. Acesso em: 05 de maio de 2022
- COMARCA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/comarca/>. Acesso em: 05 de maio de 2022

COSTA, Renata Assunção da. **Uma Nova Conquista: a família Oliveira Ledo e o processo de ocupação do sertão do Piancó (1663-1730)**. 2012. Disponível em: [https://www.rn.anpuh.org/2016/assets/downloads/veeh/ST09/Uma%20Nova%20Conquista%20a%20familia%20Oliveira%20Ledo%20e%20o%20processo%20de%20ocupacao%20do%20sertao%20do%20Pianco%20\(1663-1730\).pdf](https://www.rn.anpuh.org/2016/assets/downloads/veeh/ST09/Uma%20Nova%20Conquista%20a%20familia%20Oliveira%20Ledo%20e%20o%20processo%20de%20ocupacao%20do%20sertao%20do%20Pianco%20(1663-1730).pdf). Acesso em: 19 de dez. de 2022

FAMÍLIA, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/familia/>. Acesso em: 02 de fev. de 2023

FamilySearch. Disponível em: <https://www.familysearch.org/pt/>. Acesso em: 2 de mar. de 2022  
Fundação Cultural Palmares. Disponível em: [https://www.palmares.gov.br/?page\\_id=95#:~:text=No%20dia%202022%20de%20agosto,entidade%20vinculada%20ao%20Minist%C3%A9rio%20do](https://www.palmares.gov.br/?page_id=95#:~:text=No%20dia%202022%20de%20agosto,entidade%20vinculada%20ao%20Minist%C3%A9rio%20do). Acesso em: 15 de abril de 2022

GENO PRO. Disponível em: <https://genopro.com/>. 05 de maio de 2022

GOMES, Laurentino. **Escravidão–Vol. 1: Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares**. Globo Livros, 2019.

HAESBAERT, R. Dos Múltiplos territórios à multiterritorialização. GEOgraphia - Ano IX - No 17 - 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/beatr/Downloads/13531-Texto%20do%20Artigo-52879-1-10-20100208.pdf>. Acesso em: 26 de abr. de 2023

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/serra-branca/panorama>. Acesso em: 29 de mar. de 2022

INFO ESCOLA. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/sesmarias/>. Acesso em: 05 de maio de 2022

LEI ÁUREA. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/276-lei-aurea>. Acesso em: 05 de Jun de 2023.

MATOS, W.; EUGENIO, B. Comunidades quilombolas: elementos conceituais para sua compreensão. **Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, Macapá, v. 11, n. 2, p. 141-153, jul./dez. 2018

MIUDO. in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008, 2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/gado%20vacum>. Acesso em: 05 de maio de 2022

PARAÍBA CRIATIVA. Disponível em: <https://www.paraibacriativa.com.br/artista/indios-cariris/#:~:text=A%20Na%C3%A7%C3%A3o%20Cariri%20dividia%2Dse,nas%20lutas%20contra%20os%20bandeirantes>. Acesso em: 18 de abril de 2022.

PARENTE, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/parente/>. Acesso em: 02 de fev. de 2023

PENSADOR. Disponível em: <https://www.pensador.com/busca.php?q=ancestralidade&p=2>. Acesso em: 14 de fev. de 2023

PEQUENO FILHO, José de Sousa *et al.* **Experiências vividas: escravidão e formação histórica de São João do Cariri-1783-1843.** 2014.

PORTAL DO PROFESSOR. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=35871>. Acesso em: 26 de abril de 2022

PRECATORIO. *In:* DICIO, Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/precatorio/>. Acesso em: 01 de abril de 2022

QUILOMBO. *In:* DICIO, Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/quilombo/>. Acesso em: 17 de abril de 2022

SANTOS, Armindo. **Antropologia do parentesco e da família.** Lisboa: Instituto Piaget, 2006.

SANTOS, Danilo Silva dos, et al. **Comunidade quilombola cantinho (serra branca-pb): escravidão e resistência no cariri paraibano.** 2018 Disponível em: <https://exnepeblog.files.wordpress.com/2020/02/co-comunidade-quilombola-cantinho.pdf>. Acesso em: 10 de fev. de 2022.

SERRA DO JATOBÁ. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/egbertoaraujo/5107038607/in/photostream/>. Acesso em: 29 de abril de 2022.

SIGNIFICADOS BR. Disponível em: <https://www.significadosbr.com.br/quilombo>. Acesso em: 17 de abril de 2022

SILVA, Jéssica Martins da et al. **A identidade quilombola da lagoa do João, Poções-BA.** SEMOC-Semana de Mobilização Científica-Alteridade, Direitos Fundamentais e Educação, 2018.

SILVA, Rosana de Medeiros. **Meu barro é de Lagoinha: Trajetórias de vida e experiências cotidianas das mulheres quilombolas.** 2018. 111f. (Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia), Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Universidade Federal de Campina Grande, Sumé – Paraíba – Brasil, 2018. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/4202>

SOUZA, Wallace Ferreira de. **Famílias, território e espiritualidades: uma etnocartografia de Caiana dos Crioulos-PB.** 2014. 184f. (Tese de Doutorado em Ciências Sociais), Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande - Paraíba - Brasil, 2014. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/1327>

VACUM. *in* Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008, 2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/gado%20vacum>. Acesso em: 05 de maio de 2022

## **APÊNDICE**

## Apêndice 1: Roteiro para entrevistas

- Ficha de Identificação

NOME:	
USAR PSEUDÔNIMO? ( ) SIM ( ) NÃO	
IDADE:	ESCOLARIDADE:
PROFISSÃO:	NATURALIDADE:

- **Questões**

### Origem da comunidade e Parentesco

1. Tabela de Parentesco.
2. Você sabe a origem da comunidade?
3. Sabe quais foram os primeiros moradores da comunidade? Quais?
4. Sabe o porquê, eles vieram para essa região?
5. Você tem parentesco com os primeiros moradores da comunidade? Se sim, qual?
6. Todos na comunidade têm uma relação de parentesco?

### Sobre ser quilombola

7. O que é ser quilombola, para você?
8. Você se autodefine enquanto quilombola? O que significa para você ser quilombola?
9. Após a titulação de comunidade quilombola, houve alguma mudança para a comunidade e para você, enquanto integrante?
10. Gostaria de saber se o termo “quilombola” sempre esteve presente na comunidade ou é algo recente, desde a titulação da comunidade?

### Terra e Território

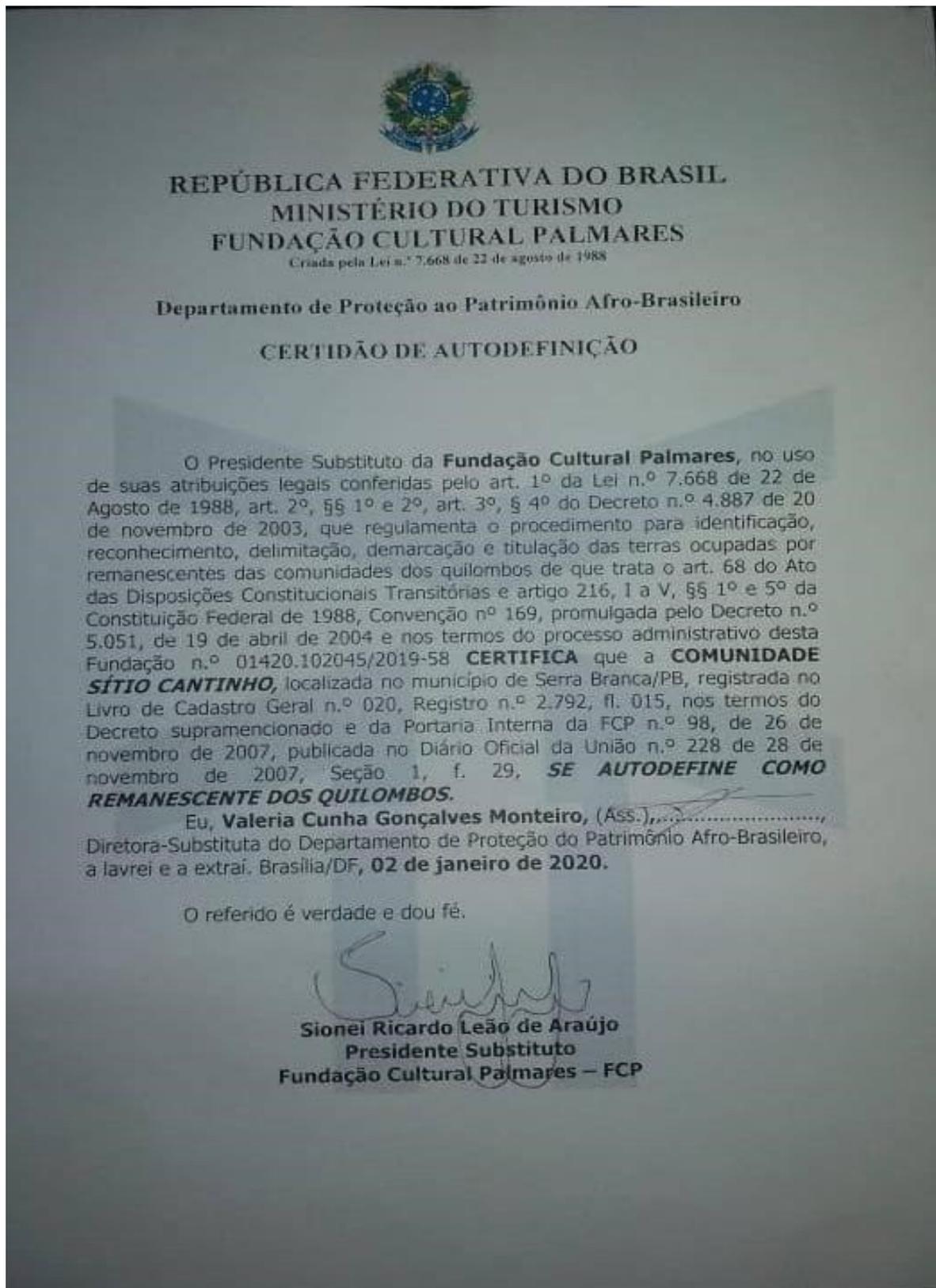
11. Você é o responsável pela terra/lote/sítio onde mora?
12. Como conseguiu a terra/lote/sítio onde mora?
13. Essas terras estão na sua família há muito tempo? Se sim, quanto?
14. Como é realizado o uso da terra na comunidade atualmente? Existem áreas de trabalho coletivo?

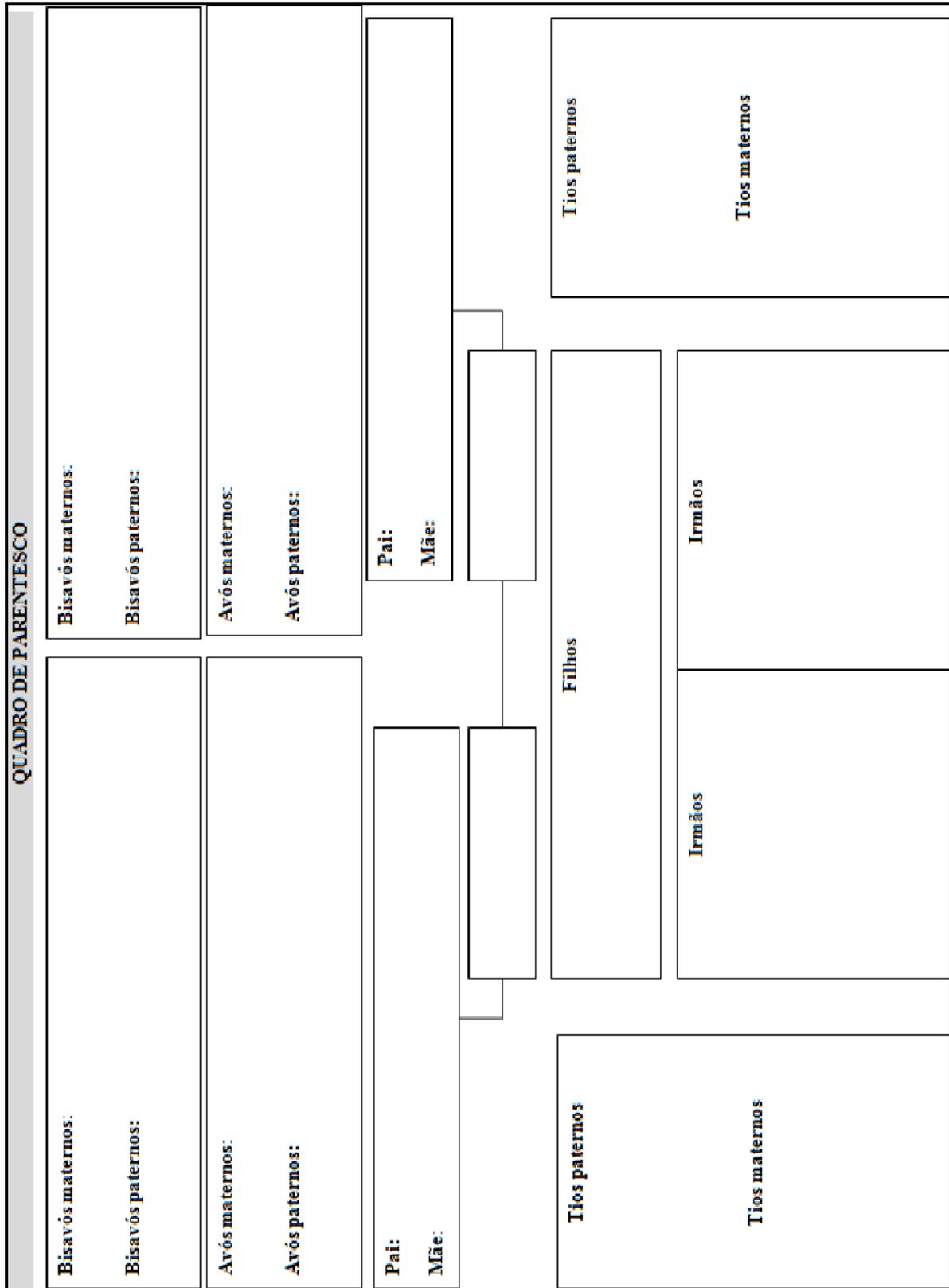
### Necessidades e melhorias

15. Quais são as principais necessidades da comunidade hoje?
16. O que acha da vida na comunidade? O que está faltando? O que gostaria que melhorasse.

## **ANEXOS**

**Anexo 1:** Certificado de autodefinição da Comunidade Cantinho.





**Anexo 3:** Registro de óbito de seu Severino da Costa Brito que consta o nome de sua mãe Anastácia.

Nº 6.186  
 Aos sete dias do mês de julho de mil novecentos e setenta e cinco, nesta cidade de Serra Branca do Estado da Paraíba, em cartório compareceu Manoel Severino de Costa, agricultor e residente e atestado de óbito, perante as testemunhas abaixo nomeadas e assinadas, afirmou que o falecido teve morte natural, sem assistência médica. Declarou: Eu outem (06-07-1975), as dez e nove horas, no sítio Laurinho, deste município, faleceu Senhor João da Costa Brito, de seis meses de cor parada, agricultor aposentado, natural deste município de urubante e seis (96) anos de idade, viúvo. O sepulta-mento foi realizado no cemitério Público, desta cidade. Não era elitor, quis bens e não de-clarou testamento. Era registrado porim o cartório ignorado, era casado civilmente no cartório da Cidade de São João do Cariri, do Estado, esfls. 24, do Livro B. nº 05, desde de 1917, com a Maria Magdalena de Fom-ciação, falecida, doméstica, de quem deixo dez (10) filhos maiores; o declarante Manoel, João, Wilson, Arcelino, Afelides, Pedro Américo, Belindina, Evencina e Lusiano da Costa Brito filhos. Filho do falecido dona Bastiana Maria de Conceição, doméstica, natural deste Estado, casada que foi religiosamente, residente e domiciliada

natural deste município de urubante e seis (96) anos de idade, viúvo. O sepulta-mento foi realizado no cemitério Público, desta cidade. Não era elitor, quis bens e não de-clarou testamento. Era registrado porim o cartório ignorado, era casado civilmente no cartório da Cidade de São João do Cariri, do Estado, esfls. 24, do Livro B. nº 05, desde de 1917, com a Maria Magdalena de Fom-ciação, falecida, doméstica, de quem deixo dez (10) filhos maiores; o declarante Manoel, João, Wilson, Arcelino, Afelides, Pedro Américo, Belindina, Evencina e Lusiano da Costa Brito filhos. Filho do falecido dona Bastiana Maria de Conceição, doméstica, natural deste Estado, casada que foi religiosamente, residente e domiciliada

#### Anexo 4: Registro de óbito de João Anastácio de Brito.

Nº 5.456  
 Disposto de Óbito.  
 Aos quatro dias do mês de agosto do ano de mil novecentos e sessenta e um, nesta cidade de Serra Branca, Estado da Paraíba, em meu Cartório compareceu o senhor José Cândido da Silva, brasileiro, casado, agricultor e residente no Sítio deste distrito; declarou que no dia três de agosto do corrente ano faleceu o senhor João Anastácio de Brito; brasileiro, casado, agricultor e residente no Sítio deste distrito; o falecido tinha 85 anos de idade, a causa morte era eczema, e o falecido não deixou bens inventariados e seu cadáver foi sepultado no cemitério público desta cidade do que fiz este Termo em que assinado por Zilda Côpo Saraiva a cargo do declarante por ser analfabeto, e pelas testemunhas Francisco Tavares de Brito que é casado e público e o senhor João da Costa Brito, brasileiro, casado e residente nesta cidade. Eu Francisca Antonino Brito Brasileira Compromissada e escrevi e assino.  
 Zilda Côpo Saraiva  
 João Tavares de Brito  
 Zilda da Costa Saraiva  
 Francisca Antonino Brito

cultor e residente no Sítio deste distrito, tinha 85 anos de idade, a causa morte era eczema, e o falecido não deixou bens inventariados e seu cadáver foi sepultado no cemitério público desta cidade do que fiz este Termo em que vai assinado por Zilda Côpo Saraiva a cargo do declarante por ser analfabeto, e pelas testemunhas Francisco Tavares de Brito que é casado e público e o senhor João da Costa Brito, brasileiro, casado e residente nesta cidade. Eu Francisca Antonino Brito Brasileira Compromissada e escrevi e assino.  
 Zilda Côpo Saraiva  
 João Tavares de Brito  
 Zilda da Costa Saraiva  
 Francisca Antonino Brito

### Anexo 5: Registro de óbito de Maria Cândida da Conceição.

Dr. Henrique Coutinho

190 168

Das trinta dias do mês de março de mil novecentos e vinte e oito neste canto do de Serra Branca, do Estado de Pernambuco um certo e compareceu quínto Anastácio de Brito, agricultor e civilizado e atestado de dito perante as testemunhas abaixo nomeadas e assinadas afirmar, que a falecida foi morte natural, sem assistência médica. Declarou, Logo em seguida, em 23 de março de 1928, às oito e três horas, no chafariz da Serra, deste município, faleceu Maria Cândida da Conceição, de sexo feminino, de cor morena, e agricultor aposentado, viúva, natural desta cidade, de nascido e dos 91 anos de idade. Despultamento será realizado no cemitério público desta cidade a falhada

não era do foro, era registrada no cartório de de, cidade de São João de Caruaru, do Estado, em 19 de março, em 1907, casado civilmente no mesmo cartório, com José Francisco de Brito, falecido agricultor, natural desta cidade de quem teve onze (11) filhos vivos, e declarou por meio de Rubens, Euclides, José Luis, Francisco Bandeira, Cecília, Helena, Jorgete, Joana e Fátima. Não há bens e não deve nada. Declaro, em seguida, de faleceu Maria Cândida da Conceição, de morte natural, neste município, atestado em 23 de março de 1928, para constar da íntima, assim qualita e conforma a lei e os artigos 14 do Livro 1º de 1907 e do Livro 2º do termo das atas, e em seguida, assinadas, com o seguinte: Assinado e rubricado pelo Dr. Henrique Coutinho, Oficial do Registro Civil.

### Anexo 6: Registro de óbito de Ursulino Anastácio de Brito.

epísio e residente nesta cidade, saindo o atestado de óbito, firmado pelo Dr. Paulo Luiz da Silva, seu cura, assistente, cuja morte foi natural dando como causa da morte, em sua experiência Cardíaca. Declarou, que em 19 de março de 1928, às oito e três horas, no chafariz da Serra, deste município, faleceu Ursulino Anastácio de Brito, agricultor solteiro, de sexo masculino, e filho de agricultor aposentado de situação e nome de Ursulino Anastácio de Brito, de idade (99) anos (99). O sepultamento foi realizado no cemitério público desta cidade, mas era deitar para casado a 1ª vez com epísio, e depois, não deixou de filhos. A 2ª vez era casado com dona Sara Annunciação da Conceição, agricultora, natural deste município.

Imagem 107 de 221

do filho, a 2ª vez era casado com dona Sara Annunciação da Conceição, agricultora, natural deste município, de quem teve cinco filhos deste matrimônio, Pláide, Ozana, Jorgete e José. Filho de pai ignorado e de mãe, Anastácia Maria da Conceição, do mesmo termo, falecida. O falecido era registrado neste cartório no Livro 20/13. Deixa bens e para constar, lavrei este termo que lido e conforma, assinado Maria das Graças Braz de Sá, a rgo do declarante que é genro do falecido por não saber ler nem escrever. Eu, José da Silva de Caruaru, Oficial do Registro Civil, o escrevi e assinado em 23 de março de 1928, no chafariz da Serra, deste município.

1928

De 23 de março de mil novecentos e